

15º SALÃO NACIONAL DE ARTES DE ITAJAÍ



15^o SALÃO NACIONAL DE ARTES DE ITAJAÍ

2021-2022

**FUNDAÇÃO
CULTURAL DE
ITAJAÍ**

O 15º Salão Nacional de Artes de Itajaí teve formato inédito e conectado às questões artísticas, estéticas, sociais, educativas e políticas da contemporaneidade. O evento aconteceu de forma 100% on-line, por conta do contexto pandêmico.

Pela primeira vez na história do Salão, houve uma preocupação em unir processos de criação, educativos e curatoriais, manifestados pela ideia de habitar os espaços virtuais. A proposta concretizou-se por meio do desenvolvimento crítico e prático de projetos artísticos individuais (Bolsas de Produção), com a apresentação de trabalhos que promoveram debates na esfera pública (Exposições), a partir de conversas, encontros e oficinas sobre arte direcionados para pessoas de diferentes faixas etárias e contextos sociais (Proposições Formativas) e também com encontros públicos, abertos e gratuitos sobre noções de curadoria e circuitos artísticos e institucionais (Programa Encontra).

O evento consolida-se como um dos principais salões nacionais e um importante instrumento para as artes visuais em Santa Catarina. A construção desta edição

baseou-se em alicerces que permitiram que o 15º Salão Nacional de Artes de Itajaí estivesse alinhado com os interesses do campo artístico, sem paredes sólidas no campo presencial, com conexões virtuais e em rede. Ao optar pela composição do Salão em diversas ações formativas e artísticas, apostou-se no apagamento das hierarquias comuns na relação entre arte e educação.

O Salão Nacional de Artes de Itajaí é realizado pelo Município de Itajaí e pela Fundação Cultural de Itajaí, em parceria com a Câmara Setorial de Artes Visuais, vinculada ao Conselho Municipal de Políticas Culturais de Itajaí.

A programação do 15º Salão Nacional de Artes de Itajaí contou com atividades nos meses de novembro e dezembro de 2021, no formato on-line. O conteúdo resultante dessas conexões está neste catálogo e seguirá disponível na plataforma virtual que servirá também como arquivo para acesso gratuito até novembro de 2022.

**CÂMARA SETORIAL
DE ARTES VISUAIS DO
CONSELHO MUNICIPAL
DE ITAJAÍ**

a câmara setorial de artes visuais (casavi) é parte do conselho municipal de políticas culturais de itajaí, órgão composto de forma paritária entre o governo e a sociedade civil. a casavi é um espaço de fórum onde são debatidas as demandas do setor, estruturando e pensando formas de ação que são apresentadas à fundação cultural de itajaí e a toda comunidade artístico-cultural. é desta forma que se criam políticas públicas específicas para o setor das artes visuais, junto das, dos e des artistas.

com eleições públicas a cada dois anos, a casavi é composta por qualquer pessoa, artistas e público das artes visuais atuantes na cidade, que tenha interesse e disponibilidade em construir. de forma coletiva e horizontal, atuamos na revisão e na melhoria de políticas e programas já implementados, no levantamento e proposição de novas demandas, e também na construção de projetos coletivos que visam à circulação da produção itajaiense. algumas das conquistas da casavi incluem a criação do edital de ocupação das galerias municipais; a criação de uma plataforma on-line (galerias) para realização das exposições desse edital durante o período de isolamento em função da pandemia de covid-19; a reabertura da galeria municipal de artes; e a construção de uma plataforma on-line (plataforma casavi) para circulação.

como artistas, entendemos que uma das principais funções da casavi é lutar também pela manutenção e melhoria das conquistas de artistas de outras gerações, aqueles que vieram antes de nós e construíram o cenário

em que hoje atuamos. assim, é com orgulho e coletividade que assumimos a luta pela realização, ainda que tardia, da 15ª edição do salão nacional de artes visuais de itajaí.

este evento, criado nos anos 1990 por artistas itajaienses, vem se consolidando ao longo das décadas como uma das principais ferramentas de difusão e formação de artistas itajaienses, por possibilitar à cidade o acesso a trabalhos de diversas regiões do país e de nomes importantes da cena contemporânea. e é justamente por promover esses contatos com outras produções artísticas, e por entender essa luta como uma ação efetiva de manutenção do circuito de arte, que a casavi assumiu a realização da 15ª edição como sua pauta principal.

construída em conjunto entre a equipe curatorial, a fundação cultural de itajaí e a casavi, esta edição se destacou pela participação efetiva de diversos artistas da cidade, desde pessoas que tiveram trabalhos selecionados via edital a pessoas que desempenharam as funções de produção; assistência de produção; design e comunicação visual; e mediação. por fim, esta realização coletiva é também uma forma de fazer com que a 15ª edição do salão nacional de artes de itajaí siga acontecendo e se desdobrando a partir das mediações e materiais produzidos, da potência de circulação e difusão da plataforma e do catálogo, e da legitimação de artistas da cidade e região como parte deste processo de construção.

EXPOSIÇÃO

A Transälien

Bruno Novaes

Djuly Gava

Escada

Flávia Scóz

Fran Favero

Gabriel Villas

Juliano Ventura

Maria Macêdo

Marília Scarabello

Marjô Mizumoto

Mauricio Igor

Milla Jung

Osmar Domingos

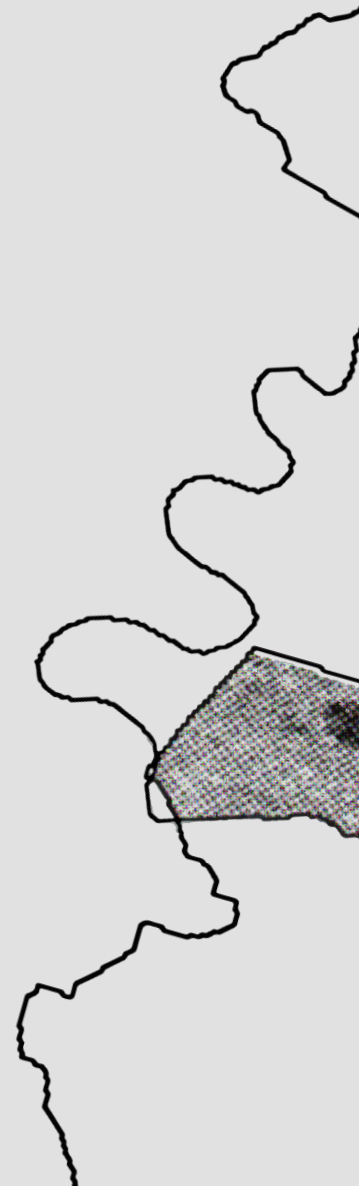
Pontogor

BOLSA DE PRODUÇÃO

Companhia Descolonizadora

Desali

Eranos



**PROPOSIÇÃO
FORMATIVA**

Andrea May

Jorge Bucksdricker

Lilian Barbon

Marcelo Brito

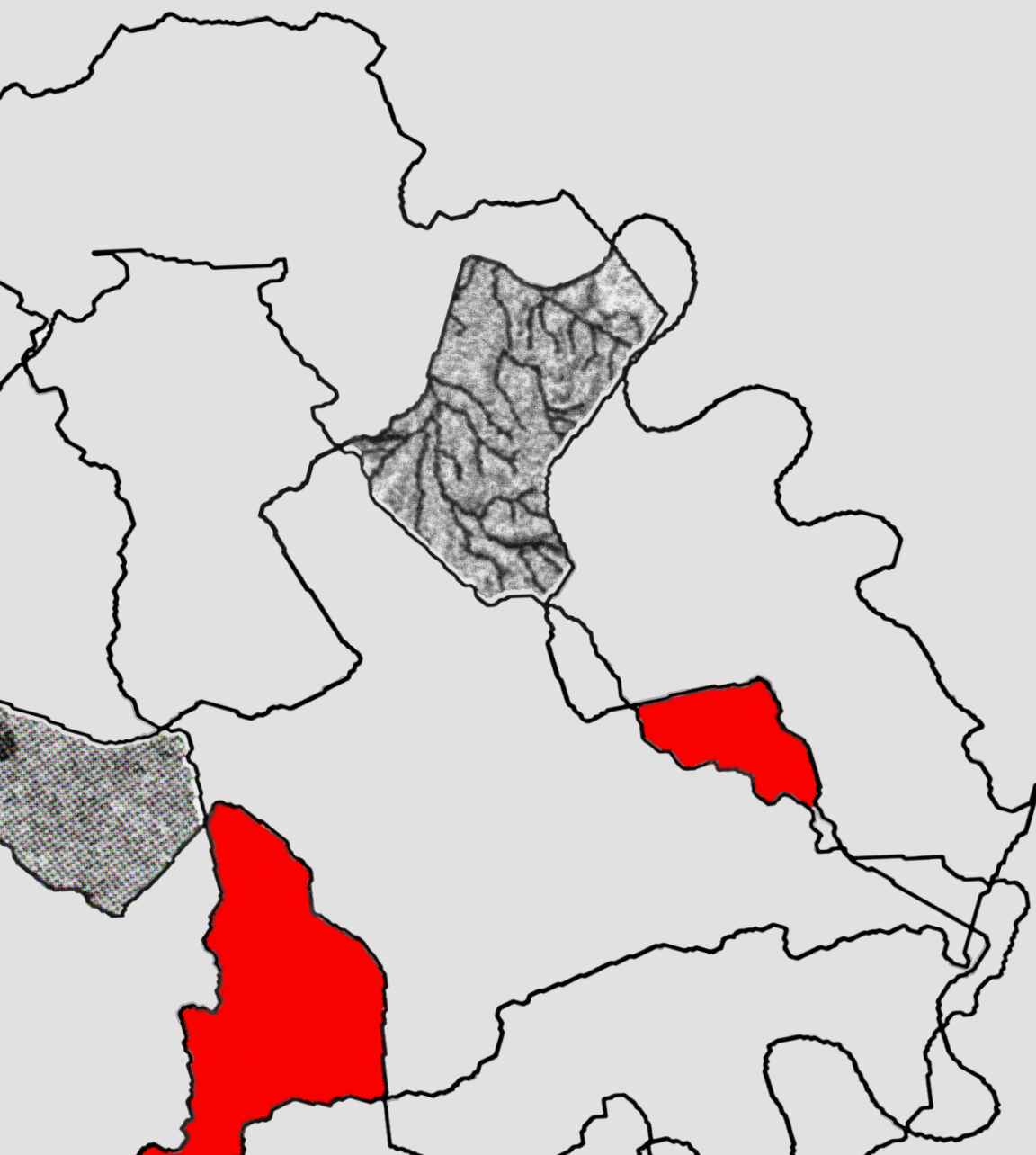
Ursula Jahn

**PROGRAMA
ENCONTRA**

Ana Maria Maia

Beatriz Lemos

Pollyana Quintella



SALÃO! SALÃO? SALÃO:

Realizar um “Salão de Artes” hoje pode soar estranho e desalinhado com a contemporaneidade e com as necessidades do campo artístico, uma vez que sua origem remonta ao início da República e que os Salões Nacionais de Artes Plásticas só passaram a aceitar a pluralidade das manifestações artísticas a partir dos anos 1980 – mas seguiram com as distinções entre linguagens, como “pintura”, “cerâmica”, “escultura”, “desenho” etc. –, premiando as/os artistas consideradas/os “melhores” em suas categorias.

A ideia de um evento que se denomina como “salão” está, na maioria das vezes, associada a essa origem herdada das Belas Artes, posteriormente das Artes Plásticas – que exhibe geralmente um conjunto de obras prontas ou consideradas finalizadas. Mesmo que haja uma seleção de trabalhos que acompanham movimentos, formatos, suportes e questões atualizadas e modificadas conforme seu tempo, existe uma questão crucial para a arte contemporânea: seu meio (ou modo) de produção. Na medida em que percebemos o quanto a pesquisa e o processo artístico se tornam constitutivos dos trabalhos, entendemos a necessidade de trazê-los também como parte integrante do 15º Salão Nacional de Artes de Itajaí.

A pergunta que sempre nos coube fazer durante a criação do 15º SNAI foi: é possível mover os pilares que sustentam as noções ultrapassadas de “salão” de artes sem derrubar toda a sua estrutura histórica? Como curadoras e artistas que trabalham com diversas linguagens no campo

das artes e que atuam em diferentes espaços que configuram o sistema das artes – escolas, museus, galerias, espaços autônomos etc. – ampliar e adaptar o formato desse salão foi um dos nossos principais desafios.

“Ampliar” significava acompanhar o desenvolvimento, os procedimentos e as possibilidades de construção dos trabalhos dos artistas, para além de receber apenas obras “prontas”, “finalizadas”, “acabadas”. Já “adaptar” se inscreve nos modos de lidar com uma exposição de arte em tempos pandêmicos. A impossibilidade de fazer uma exposição presencial nos levou à virtual e em decorrência, a um problema: como expor obras que não foram criadas especificamente para o ambiente virtual? Podemos considerar que uma exposição na web é uma tradução?

O deslocamento costuma provocar transformações, seja no tempo, no espaço, na matéria, ou no corpo daquilo que é deslocado. Neste salão, priorizamos processos criativos de diversas naturezas, pesquisas que se relacionam ora por temas, ora por metáforas, ora por questões estéticas e políticas; há também distanciamento e dissenso, contraste e conflito. No fim, esta é uma exposição organizada em redes de instabilidade, da qual, sabemos, a arte também é feita.

Pinturas escritas; fotografias em queda, narradas, sequenciadas em formato de GIF; cartas não enviadas e transformadas em vasos; obras transmídias que buscam expandir os sentidos do público; outras,

ainda, que transbordam numa triangulação entre fronteiras e línguas; o retrato de um Brasil desgastado; experiências de escritas que recombina palavras para gerar outras possibilidades de leitura crítica; uma legenda que não cumpre seu papel, mas que é incorporada à imagem; os conflitos identitários que se apresentam como um retrato que ressurgem no pardo do papel e da história; as possibilidades de revirar o passado para presentificar futuros; planos fixos que fixam momentos do cotidiano de pessoas e lugares; a criação de poemas por programas de computador, poemas burocráticos que lidam com uma dimensão ainda maior, a da crítica institucional.

Esses são apenas alguns dos procedimentos encontrados nestes processos criativos a que nos referimos, reunidos com a intenção de ativar lugares ainda inabitados em nós. Mas de que maneira um salão de arte contribui com o campo da educação na construção da omnilateralidade, uma perspectiva crítica que busca ampliar nossa sensibilidade e caminhar para a superação da alienação nas práticas pedagógicas?

Na intenção de borrar os limites tradicionais entre arte e educação, buscamos olhar para o 15º SNAI como um espaço público e responsável pela produção de conhecimento dentro e fora do campo da arte. A criação de zonas de contato entre as práticas artísticas e os processos formativos em arte nos motivaram a abrir espaço para que as/os artistas propusessem conversas, oficinas, debates e cursos sobre arte contemporânea e a realidade em que vivemos.

Deste modo, na inscrição para a categoria “Exposição”, quinze artistas apresentaram obras que foram organizadas em uma plataforma virtual, e que podem ser vistas também aqui, neste catálogo. Em “Bolsa de Produção”, três artistas ocuparam a plataforma com propostas artísticas em andamento: esboços, descrição de etapas, planos e materiais que revelavam algum processo artístico iniciado, mas que ainda não se encontram em formato de apresentação pública. Já em “Proposições Formativas”, selecionamos cinco propostas pensadas e executadas por artistas, que articulam questões sobre fotografia, desenho, jogos, programação digital, arte correio, corpo, interatividade e texto. Dessas atividades, puderam participar crianças, jovens, estudantes de arte, artistas, professores e pessoas interessadas em experimentar práticas artísticas que dialogam com a contemporaneidade.

Fez parte da programação do 15º SNAI, também, o “Programa Encontra”, que promoveu um espaço de conversa entre jovens curadoras brasileiras, com transmissão ao vivo pelo canal de YouTube da Fundação Cultural de Itajaí.

Curadora Geral Kamilla Nunes
Curadora Adjunta Gabi Bresola
Curadora Pedagógica Sofia Brito

EXPOSIÇÃO

A Transälien

Bruno Novaes

Djuly Gava

Escada

Flávia Scóz

Fran Favero

Gabriel Villas

Juliano Ventura

Maria Macêdo

Marília Scarabello

Marjô Mizumoto

Mauricio Igor

Milla Jung

Osmar Domingos

Pontogor

COSMOVERSE ARKSTRA é um filme curta-metragem experimental. Produzido em primeira pessoa durante a quarentena, em novembro de 2020, e comissionado pelo Instituto Moreira Salles. Ele possui uma abordagem de vídeo-performance com tons de ficção científica. A Transälíen narra a experiência e os conflitos de um corpo estrangeiro na sociedade ocidental, do caos à contemplação, da ansiedade à meditação, da asfixia ao sopro de uma vida que basta por si só, através de uma trilha sonora autoral composta em parceria com a cantora Saskia.

A TRANSÄLIEN (Ana Giselle Batista dos Santos) é pernambucana, multiartista, produtora cultural, curadora independente, corpo-espetáculo, DJ, idealizadora da Coletividade MARSHA! e articuladora pelos direitos das pessoas Trans e Travestis no Brasil. Transita entre a utopia e o mistério.



OUÇA A ARTISTA

A TRANSÄLIEN



ROTEIROS DE AÇÃO

- _ Conte para alguém sobre sua prática de utopia;*
- _ Imagine-se um ser sobrenatural;*
- _ Registre-se em seu quarto;*
- _ Conte sua história em voz alta;*
- _ Construa um espaço para ser seu.*



Algumas pessoas com quem Bruno Novaes teve relações platônicas na adolescência não receberam suas cartas. Elas foram guardadas em caixas de recordações e posteriormente serviram de matéria-prima para a confecção dos vasos-objetos em papel machê aqui apresentados. A carta virou vaso para novamente voltar para o papel como fotografia. Interessa ao artista essas imagens e suas composições que têm, à primeira vista, uma materialidade estranha, mas que carregam evidências e falhas que acabam por revelar suas naturezas. Materializadas nas telas e pelas redes, acabam também por reforçar um olhar que desconfia e refaz narrativas, mesclando intimidade e exibição, ficção e realidade, autobiografia e coletividade.

—

Bruno Novaes vive e trabalha em São Paulo/SP. É artista e educador com licenciatura em Arte pela Faculdade Belas Artes de São Paulo e especialização em Artes Visuais pela UNESP. Seus principais trabalhos incluem “O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva” (Temporada de Projetos do Paço das Artes); “Intervalo” (Programa de Exposições do CCSP) e “escola de faz-de-conta” (ProAC LAB). Participou da 33ª Bienal de Arte de São Paulo como artista residente na obra de Mark Dion, e da 21ª Bienal Internacional de Arte de Cerveira. Em sua prática, olha para identidades, memórias e afetos das margens, misturando o que é público e o que é íntimo em contranarrativas que borram ficção e realidade. Seu trabalho acontece, sobretudo, por meio da palavra e do desenho, como instalação, publicação e processos dialógicos.



OUÇA O ARTISTA

BRUNO NOVAES



ROTEIROS DE AÇÃO

- _ Escreva uma carta para seu primeiro amor;*
- _ Mastigue um pedaço de papel com sua palavra favorita (não precisa estar escrita, você pode apenas visualizar), depois cuspa e guarde em um vidro. Essa simpatia fará você se apaixonar;*
- _ Molhe um punhado de papel higiênico, adicione cola branca e utilize essa massa para modelar um recipiente que irá guardar suas memórias;*
- _ Passe seu endereço para que seus amigos enviem cartas;*
- _ Faça uma lista de palavras que te causam medo.*



As cartas que não te enviei, fotografia, 2017 [Versão impressa em pigmento mineral sobre papel algodão, 40 x 60 cm, PA+1]

"A cinza das horas" é constituída pela exibição simultânea de 36 planos fixos. Esses planos estão organizados em colunas constituídas por vídeos de um/a único/a personagem. Foram eleitas as relações entre o tempo e o espaço no trabalho e o tempo e o espaço fora dele para tramar as porções íntimas e coletivas que compõem a vida e o cotidiano de cinco pessoas: Isolete, funcionária terceirizada, Jucemar, borracheiro, Carlos ASP, artista visual, Gabriel, servidor técnico e fotógrafo, além da artista, Djuly Gava. A cidade de Florianópolis é a sexta personagem. Este trabalho foi elaborado em parceria com o artista e cineasta Daniel Leão. Já "Ilharga" é uma série fotográfica realizada entre bares, cafés, restaurantes e lojas comerciais no centro da cidade de Florianópolis, nos momentos em que a artista se deparou com fotografias da antiga Desterro, usadas como parte da decoração desses estabelecimentos. Estar à ilharga, segundo o dicionário, significa estar perto, ao lado. Por último, "Som de rua" consiste em uma coleção de registros sonoros captados num percurso diário entre o terminal de ônibus e o museu onde a artista trabalhava. Ao longo da caminhada quase sempre encontrava músicos independentes tocando nas ruas e, de forma instintiva, passou a gravar esse trajeto a cada vez que escutava alguém tocando um instrumento. Essa espécie de dispositivo criado para colecionar esses registros sonoros também foi desenvolvida em outras cidades e a coleção segue em processo.

DJULY GAVA

Djuly Gava é de Florianópolis. Artista visual, diretora e produtora de cinema independente, é mestra e graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC. Participa de exposições e feiras de arte desde 2013, entre as quais, destacam-se: 23ª Feira Tijuana de Arte Impressa (São Paulo/SP, 2019); Microutopias - FERIA de Arte Impreso de Montevideo (Montevideo/Uruguai, 2019); Feira Compasso - Publicações de Arquitetura, Urbanismo e Design (São Paulo/SP, 2019); e Bienal Internacional de Curitiba (Curitiba/PR, 2017, tendo recebido o prêmio de Menção Honrosa). Em 2020 foi contemplada com o Prêmio Catarinense de Cinema com o projeto "Panorama". Como artista, possui interesse pelo tema da cidade e pelo deslocamento enquanto prática artística com trabalhos que se desenvolvem no campo das publicações impressas, fotografia, arte sonora, vídeo e cinema experimental.



OUÇA A ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

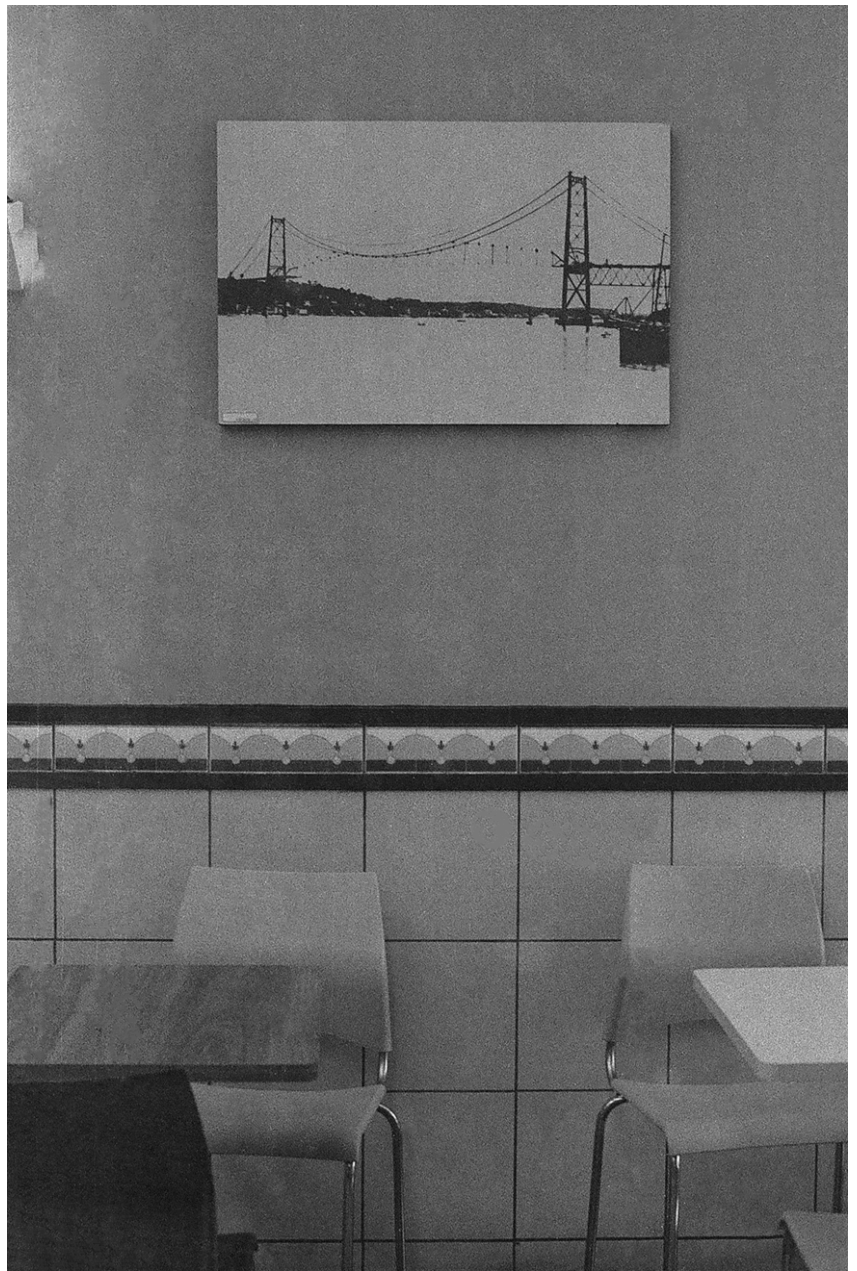
_Sente-se no banco da praça para ouvir;

_Escolha um momento do seu dia e filme (com você no quadro); reproduza o vídeo ao mesmo tempo que o trabalho "a cinza das horas" e os assista juntos;

_Caminhe em uma rua enquanto pensa em um acontecimento naquele lugar;

_Grave o som do ambiente em que você está agora.





A cinza das horas, vídeo digital em cor e p&b, hd, sem som. 1920 x 1080 pixels, 13'25", 2017. [realizado com Daniel Leão]
Ilharga, fotografia em filme p&b 35 mm, dimensões variáveis, 2017
Som de rua, gravação sonora em áudio mp3, coleção de registros sonoros de durações variáveis, 2015-2021

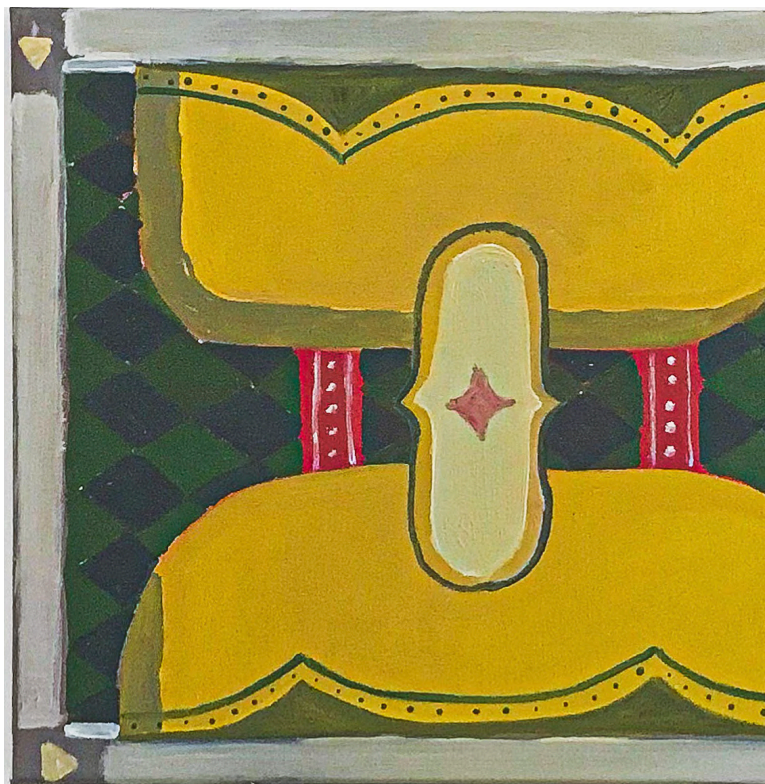
Os trabalhos apresentados são todos parte de uma mesma pesquisa, ainda que tenham faturas especificamente diferentes e outros atributos que também os singularizam quando postos em relação. Durante o processo da pintura, a necessidade de variar, de não encontrar apoio em um determinado modus operandi, é uma das necessidades determinantes. É a vontade de encontrar, para além da parte processual, outras maneiras de identificação dentro de um corpo de obras. Apesar disso, outros pontos os conectam e os caracterizam dentro desta produção enquanto um corpo homogêneo de trabalho: todos eles têm uma espécie de estrutura, diagramação, apresentada enquanto resultado, que foi sendo descoberta ao longo do processo de pintura. Outro aspecto que relaciona os trabalhos é o uso de símbolos e elementos decorativos apropriados. As referências existentes para além da própria história da arte tradicional que motivam tais pinturas vêm das artes aplicadas, formais e informais, como o design gráfico, as sinalizações visuais e elementos do cotidiano que relacionam letras, palavras e o que mais se pode transformar em pintura.

ESCADA

Escada vive e trabalha em São José dos Campos. É graduado em Artes Plásticas pela Escola Guignard, foi ouvinte na Accademia Carrara di Belle Arti di Bergamo/Itália e também possui formação como designer gráfico. Participou de exposições, publicações e prêmios, tais como: "Dentro de um tempo suspenso" (10º Festival de Fotografia de Tiradentes, 2020); "Amor y Política – ¿Como Vivir Juntos? (Festival Internacional de Fotografia de Valparaíso/Chile, 2020); "Falta da Falta" (Galeria Studio VIA, Belo Horizonte/MG, 2019); e "Veritás" (exposição individual no Centro Cultural São Geraldo, Belo Horizonte/MG, 2018). Seus trabalhos se valem de elementos do design gráfico e são fortemente inspirados e motivados pela cultura popular brasileira. O uso desses motivos são meios para um relacionamento da pintura, desenho e fotografia como linguagens em relação com o tempo e um pensamento acerca das estruturas que surgem a partir de tal abordagem.

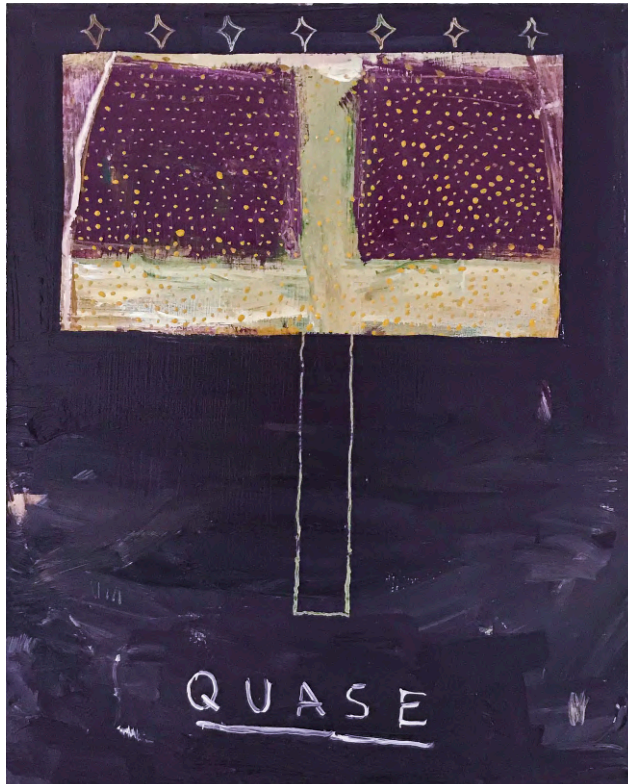
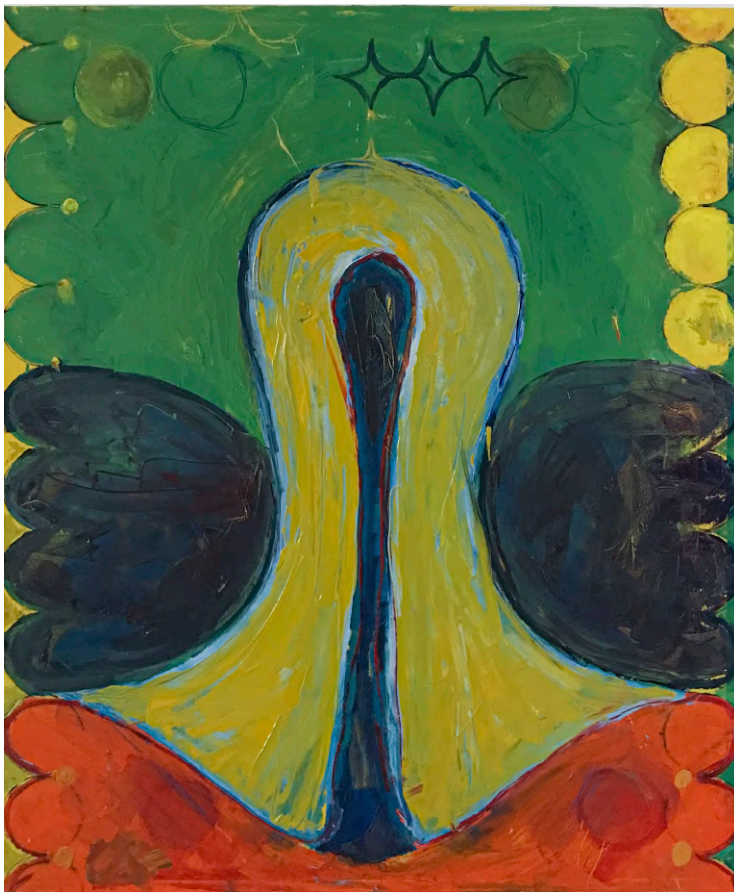


OUÇA O ARTISTA



ROTEIROS DE AÇÃO

- _Componha uma atmosfera com cores;*
- _Observe os formatos, linhas e cores das coisas ao seu redor e em diferentes espaços;*
- _Desenhe uma palavra;*
- _Crie uma composição com as cores da sua toalha de mesa;*
- Comece uma coleção de estampas.*



Pena, óleo sobre tela, 120 x 100 cm, 2021
Noturna, óleo sobre tela, 165 x 130 cm, 2021
Sem título, óleo sobre tela, 30 x 24 cm, 2021
Quase, óleo sobre tela, 50 x 40 cm, 2021
Sem título, acrílica sobre tela, 100 x 80 cm, 2021

A “experiência de queda” é ponto central nas investigações da artista. Em “tempos sombrios”, nos quais a experiência parece estar em queda, e o fascismo em ascensão, imaginar uma estética da queda é uma tentativa de articular o contemporâneo, o Brasil e o mundo. É também pensar a força da gravidade e tudo aquilo que se revela como revolta, desordem, indisciplina. Neste sentido, Estudos para fixar a borda I e II é sobre o limite entre repouso passivo e queda ativa. Qual a superfície de contato mínima necessária para que a queda ocorra ou não? Já em prae/capitis, o cálculo é empírico. A cabeça se lança para pensar. Precipitar é etimologicamente manter a cabeça à frente: prae/capitis – prae, adiante, capitis, cabeça – é ceder ao peso da cabeça. Seria o corpo uma forma de habitar o abismo e ir ao encontro de si próprio fora de si? Precipitar é sinônimo de chover: o cair da nuvem para fora dela mesma – o corpo-nuvem pesa sobre si mesmo e se precipita. Na química, uma solução supersaturada é aquela que o peso do corpo-solução igualmente não se suporta em si mesmo, cai, e resta acumulada no fundo, no solo. Forma-se o precipitado.

FLÁVIA SCÓZ



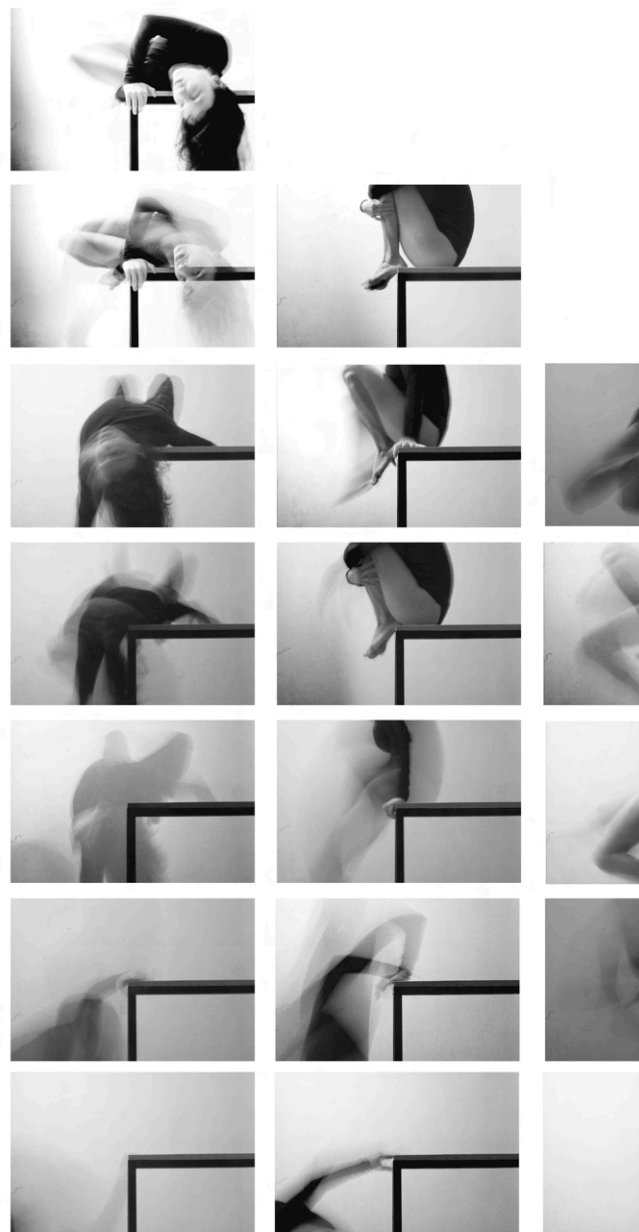
Flávia Scóz nasceu em São José, foi criada em Florianópolis e mora em Joinville desde 2016. É artista visual, pesquisadora, editora e professora. Atualmente está vinculada ao programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, nível doutorado, onde desenvolve pesquisa com o tema “política da queda e do levante nas artes visuais e na literatura”, e integra o corpo editorial da revista *Outra travessia*. É mestre em Literatura (UFSC) e bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



OUÇA A ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Permita-se cair;*
- _Lute contra a gravidade enquanto se equilibra na borda da sua cama;*
- _Suba numa árvore com cinco pedrinhas na mão, solte-as devagar, juntas ou separadas;*
- _Faça uma sequência de movimentos escolhendo variadamente uma parte do corpo que chegará à frente antes das outras partes;*
- _Construa uma armadilha de objetos em seu corredor de louças e observe quanto tempo ela dura intacta;*
- _Conte 10 segundos enquanto se move, ininterruptamente. A única regra é, no décimo segundo, ter o corpo estendido no chão.*





Estudo para fixar a borda I e II, fotografia, 30 x 45 cm, 2021
Prae/capitis, fotografia, 80 x 120 cm, 2021

Os dois trabalhos apresentados partem de uma produção sob efeito da vivência fronteiriça. Tanto o vídeo "Inundação" quanto o site "Rádio Triangulação" são movidos por memórias, acontecimentos e pelas singularidades de um território específico: a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. A construção da barragem hidrelétrica de Itaipu durante os regimes militares no Brasil e no Paraguai inundou um imenso território na fronteira entre os dois países. A inundação teve impactos socioambientais irremediáveis, expulsou comunidades ribeirinhas de seus territórios, porém, as maiores consequências foram sofridas pelas comunidades de povos originários da região, o que pode ser comprovado pelo Relatório da Comissão Nacional da Verdade, de 2014. No vídeo "Inundação", de 2015, vozes que narram a experiência de viver neste território fronteiriço ecoam de um rádio, mas, enquanto ressoam, a água que é barrada e impedida de seguir seu fluxo se impõe como força esmagadora e silenciadora. Já "Rádio Triangulação", de 2021, parte do espaço sonoro atravessado já presente na fronteira: a programação das rádios dos três países podem ser ouvidas em todas as margens, resultando em um espaço radiofônico que transmite e confronta distintos idiomas, musicalidades e pontos de vista. A transmissão ao vivo modifica a experiência a cada visita ao site e abre o trabalho para o acaso do que está sendo transmitido pelas rádios, criando combinações, sobreposições e discussões em tempo real.

FRAN FAVERO

Fran Favero vive e trabalha em Florianópolis/SC. É artista visual, professora e curadora. Mestre e graduada em Artes Visuais pela UDESC. É professora colaboradora do Departamento de Artes Visuais da UDESC, integrante da equipe do Projeto Armazém e vice-diretora do Observatório Nacional da Cultura/ONC. Entre as principais exposições que participou como artista estão as individuais "Ninguém consegue segurar o ar" (14ª Bienal Internacional de Curitiba, MASC, 2019); "Y/Rembe 'y" (Museu Victor Meirelles, 2016); e as coletivas "Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea 2021" (Fundação Badesc, 2021), "Notícias do Brasil" (Diafragma Covilhã International Photofestival, Portugal, 2021); e "What's going on in Brazil" (Les Rencontres de la Photographie d'Arles, França, 2019).

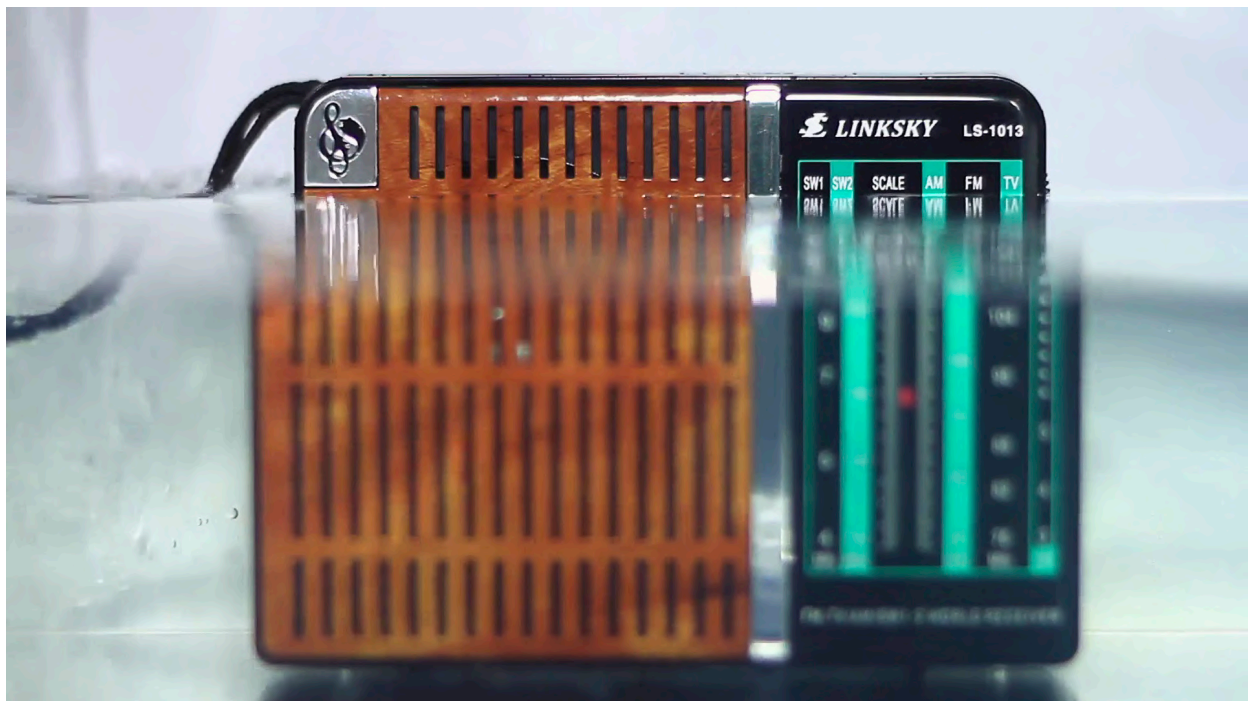
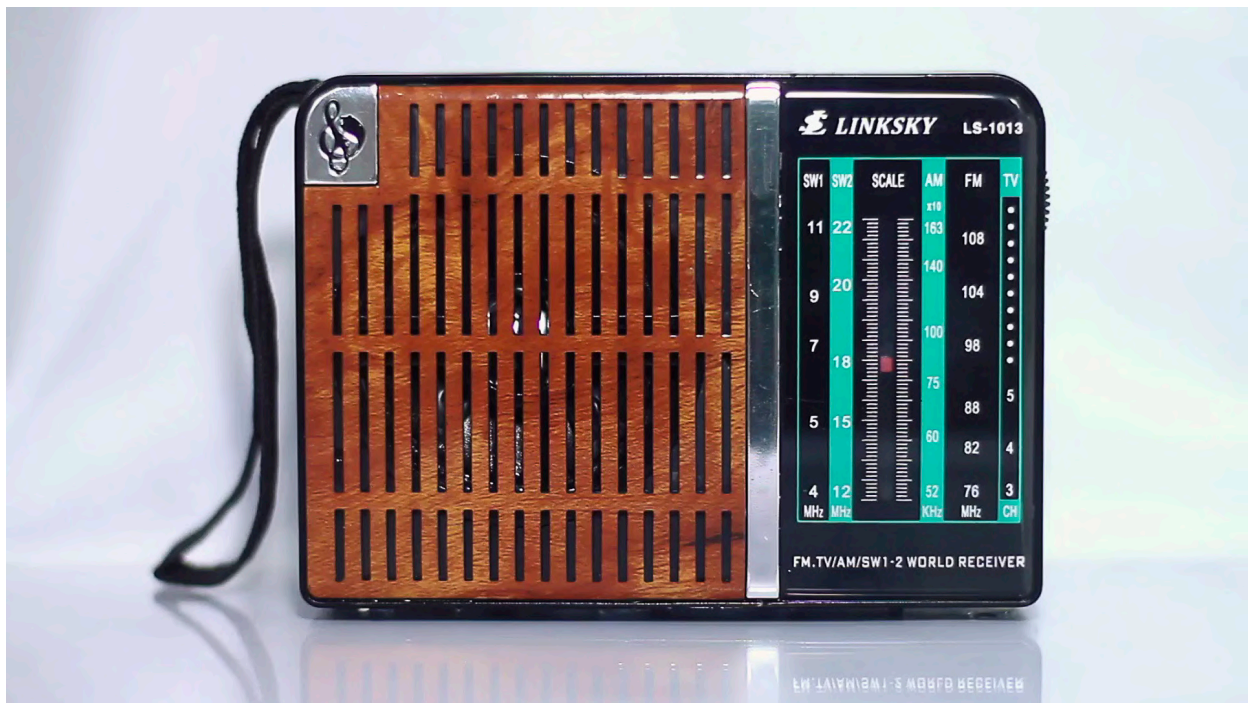
Pesquisa as relações de fronteiras que permeiam territórios, corpos e memórias, atuando no campo dos multimeios, incluindo produções em fotografia, vídeo, publicações de artistas e instalações.



OUÇA A ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Escute seu limite;*
- _Preste atenção no que impede o entendimento das falas entre você e seu vizinho. O muro? A distância? Outros ruídos?;*
- _Provoque um alagamento no box do seu banheiro e sinta seus pés submersos;*
- _Ouça o silêncio entre uma memória e uma saudade;*
- _Faça uma lista de inundações.*



Inundação, vídeo, full HD, cor, som 2.0, 4'29", 2015

Rádio Triangulação, website interativo, proposição para a web com vídeo, faixas sonoras e transmissão ao vivo da programação de rádios da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, 2021

“exposição de interiores salão” é um conjunto de quatro obras em GIF elaborados para este salão como desdobramentos do trabalho “exposição de interiores”, proposição artística e exercício expográfico que realizo desde 2017 e que consiste em fotografar o interior das casas onde vivo, guardar em um arquivo no computador, selecionar, imprimir e expor em “exposições domésticas” que acontecem no interior de casa, em diálogo com os ambientes fotografados e sugerem uma narrativa em abismo¹. Constantemente, a exposição é desmontada e remontada em função de mudança de endereço, reorganização dos espaços, troca de geladeira, humor, entre outros. As montagens são registradas em fotografia, incorporadas ao acervo e expostas novamente em um exercício contínuo. O suporte do GIF foi utilizado para transportar e transcrever o espaço expositivo da exposição de interiores para o interior deste salão como estratégia expográfica para a construção de uma narrativa em abismo em um espaço virtual.

¹*Mise en abyme* é um termo francês que costuma ser traduzido como “narrativa em abismo”, usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si (Wikipédia).

—

Gabriel Villas nasceu em Campinas/SP e vive em Florianópolis/SC desde 2012. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC e, atualmente, é mestrando na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pelo CEART/UEDESC. Participa de exposições, residências artísticas e feiras de arte impressa. Em 2020 recebeu o prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, com o projeto de pesquisa “Espacialidades Ambulantes”. Desenvolve sua prática artística por meio de processos de escuta/transcrição dos espaços, investiga formas de inserir trabalhos de arte nos circuitos da cidade e documentar/arquivar/expor estas inserções.



OUÇA O ARTISTA

GABRIEL VILLAS



ROTEIROS DE AÇÃO

_Crie um álbum de fotografias com imagens do interior da sua geladeira ao longo de um mês;

_Faça um desenho de observação da sua cama ao acordar;

_Organize uma exposição em sua casa com uma programação de visita guiada pelos cômodos e uma fala curatorial sobre a disposição dos móveis e objetos de decoração. Finalize com comes e bebes;

_Use a câmera do seu celular para composição de vídeos curtos do chão da sua casa quando ele estiver sujo, reverta em gif. Mande para todo mundo que você sente prazer em acessar sua bagunça interior;

_Comece uma coleção de ímãs de geladeira.



Exposição de interiores, GIF, 18 quadros, 2021
Exposição de interiores, GIF, 8 quadros, 2021
Exposição de interiores, GIF, 2 quadros, 2021
Exposição de interiores, GIF, 18 quadros, 2021

O vídeo apresenta uma experiência de escrita que se constitui por meio de recombinações de palavras e símbolos recortados de caixas de papelão recolhidas após o seu uso para o transporte de diversos produtos da indústria brasileira. Deslocados de seus sentidos originais, os fragmentos dos textos informativos e publicitários estampados nas caixas são friccionados, gerando possíveis sentidos para possíveis leituras.

—

Juliano Ventura vive em Florianópolis. É artista visual e pesquisador com uma produção abrange o trabalho com fotografia, vídeo, produção gráfica, projetos editoriais e ações no espaço urbano. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como coeditor da edição água para cavalos, projeto editorial que explora táticas de apropriação e autopublicação na produção de cartazes, livretos, panfletos, camisetas, entre outras mídias, e é colaborador do grupo Observatório-móvel, com o qual publica o Jornal do Zinga – crítico, literário, noticioso e recreativo do bairro Ingleses. Pesquisa a comunicação visual urbana e o uso de mídias circulatórias para veiculação de proposições artísticas.

JULIANO VENTURA



OUÇA O ARTISTA

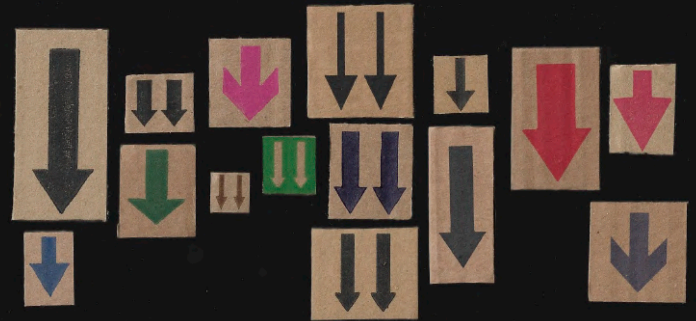
ROTEIROS DE AÇÃO

- _Comece uma coleção de palavras para cada letra do alfabeto;*
- _Procure palavras em embalagens e anote ou fotografe as que você gostar mais. Organize-as na ordem que as encontrou e leia a frase que se forma: leia de trás para frente, leia do meio para as extremidades. Organize-as em categorias inventadas (por exemplo, "palavras que eu usaria para descrever o dia de hoje", "palavras que terminam com o" ou "locais que eu gostaria de visitar") ou gramaticalmente (adjetivos, substantivos etc.);*
- _Utilize palavras publicitárias para criar sua própria ideologia;*
- _Anote palavras ditas pelos seus vizinhos e componha frases;*
- _Escreva com os olhos.*

INDÚSTRIA BRASILEIRA

BRASIL Branco

BRASIL HOMOGENEIZADO



BRASIL *Refinado*

CONSUMO URGENTE

USO LIVRE

CONSUMO MÁXIMO

“Língua Ferina: Artista Retirante e a fertilização da imagem” é um projeto que se guia pelos conceitos que dão sustentação ao seu título. O termo “língua ferina”, comumente utilizado no vocabulário cearense para designar o ato de ferir alguém com palavras maldosas, e que aqui é ressignificado para usar a língua como faca afiada capaz de sangrar a pele do corpo colonizador que nos incumbiu de nossa história, sequestrando nossas subjetividades. O conceito de Artista Retirante é o pau-de-arara carregado de história, fome e seca, nos processos de sobrevivência dos antepassados sertanejos/as, e que se encontra reconfigurado no corpo enquanto mulher negra artista-agricultora moradora da zona de confronto rural. Por fim, a fertilização de imagem, como elemento de cura que traz em si a sabedoria e as práticas do cuidado com a terra, como analogia para a criação de imagens na arte. Como retirante-artista-agricultora os caminhos percorridos para conseguir dar corpo e sentido a uma produção insurgente que encontra nos resquícios da colonização a margem ao qual pessoas pretas e pobres foram jogadas, é revirar fotografias de um passado colonial que ergueu cercas que nos empurram para fora de nossos territórios. Afinal, êxodo rural também é desapropriação de terra. É na terra que se encontra a vida. É preciso deslocar o eixo e excluir o centro. O interior é aqui a parte central, fundante. O miolo.

MARIA MACÊDO

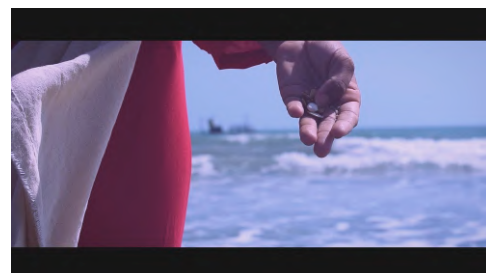
Maria Macêdo (1996, Lavras da Mangabeira/CE, Vive em Juazeiro do Norte-CE). Artista/Educadora/Pesquisadora. Licenciada em Artes Visuais, colíder do Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte/ - ZINGA/CNPq. Artista selecionada para o 31º Programa de exposições do Centro Cultural São Paulo. Compôs a 7ª edição do Laboratório de Artes Visuais Porto Iracema das Artes (2020/2021), e a curadoria educativa da 15ª Bienal Naifs do Brasil. Integra ajuntamentos artísticos, e é integrada pela mata fechada. Evocando a força ancestral e ficcional da vida no campo, encontra nas vivências na terra o caminho que guia o seu fazer artístico enquanto artista agricultora retirante fertilizadora de imagens.



OUÇA A ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Comece uma coleção de ditos populares;*
- _Escreva pequenas combinações de palavras que expressem sentido;*
- _Escolha uma forma de registrar atividades que suas pessoas próximas costumam fazer igual a você;*
- _Cubra-se de terra sem se enterrar;*
- _Fique de cócoras no meio da cidade.*





Procissão para os corpos que não morreram, captação fotográfica e audiovisual: Wandeályson Landim. Edição: Francisco Luiz, 2020.
Para reflorestar uma terra seca ou como construir fortalezas, captação fotográfica audiovisual: Jaque Rodrigues. Edição: Francisco Luiz, 2020.

Em 2016 a artista começou a arquivar imagens manipuladas da bandeira do Brasil da internet, muitas vezes através de “prints” da tela do celular. Este arquivo-coleção passou a alimentar alguns trabalhos e sua pesquisa artística em torno da ideia de um ou muitos “Brasis”. Tornar pública a pesquisa através de um perfil no Instagram foi também uma maneira de abrir espaço para interação com os outros usuários. Hoje o perfil @colecão_bandeira conta com mais de 1200 imagens da bandeira. “Porta-bandeiras” se apresenta como um gerador on-line de bandeiras, cuja base inicial é a bandeira do Brasil. A partir dela, o usuário tem condições de manipular cores, escrever ou não um lema, suprimir formas. A imagem final manipulada pode ser salva e compartilhada. O website não possui nenhum tipo de controle sobre o que é gerado, apenas monitora a quantidade de acessos. “Sem título [Brasil]” é um trabalho que se apresenta como uma série de fotografias de um sabonete em momentos distintos de uso. O trabalho se iniciou em meados de março de 2020, coincidindo com o início da quarentena no estado de São Paulo. Todos os dias, pela manhã, após lavar o rosto com o sabonete adquirido em uma farmácia, fotografei sua atual condição no fundo da pia. O que registrei ao longo dos meses foi a sua degradação. O processo se concluiu com seu completo desaparecimento no início de 2021. Apresento para este salão o sabonete em 4 momentos distintos cobrindo aproximadamente 100 dias do trabalho.

Marília Scarabello é artista visual, vive e trabalha entre Jundiaí e São Paulo. Mestra em Artes Visuais pela Unicamp, especializada em Cenografia Teatral pelo Espaço Cenográfico e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, iniciou sua produção artística em meados de 2013. Seu trabalho transita entre múltiplas linguagens, incluindo procedimentos frequentes de apropriação, com uma pesquisa direcionada às questões que envolvem a ideia de território e sua representação física e metafórica.



OUÇA A ARTISTA

MARÍLIA SCARABELLO



ROTEIROS DE AÇÃO

- _Faça uma intervenção na imagem da bandeira do seu estado;*
- _Colecione objetos, imagens ou palavras que se repetem no cotidiano;*
- _Registre com fotografia sempre que encontrar a palavra “Brasil”;*
- _Observe um objeto se desgastar ao passar do tempo;*
- _Crie uma lista para novos lemas nacionais.*

Porta-bandeiras

Frase
Ordem e Progresso

Clique para escolher as cores

Fonte:
Roboto Mono

Tamanho:
20

Espaçamento Letras:
padrão

Exibir:
 Faixa
 Estrelas
Tamanho da Faixa

SALVAR IMAGEM



COLEÇÃO BANDEIRA, perfil no Instagram [@colecão_bandeira] 2016 - 2021

PORTA-BANDEIRAS, website interativo, 2020 - 2021

Sem título [BRASIL], fotografia, 2020- 2021
[Versão impressa em papel Hahnemuhle, 22 x 100 cm]

“Filha do Norte (Reinilde Arcanjo do Rosário)” é uma pintura em óleo sobre tela. Nas palavras da artista, “Eu cuido. Cuido da casa, dos filhos, da vó, cuido do que precisar ser cuidado. Tanto cuido, que virou minha profissão, na carteira de trabalho tá lá: cuidadora. Todo dia acordo e cuido, de tudo e de todos, menos de mim. Não que eu não queira, mas não sobra muito tempo. Tempo... O tempo é uma coisa engraçada, tô no presente, mas a cabeça parece que tá sempre lá no futuro, sonhando com outra vida que não essa... Já o coração, o coração tá no passado, na memória, na saudade... Tem dias que bate forte, dá saudades de quem ficou, da família, vó, filho, mãeinha... Lá é seco, tem quem chame de “A Terra do Sol”, acho que é só por isso que todo mundo vem pra cá, aqui tem água, tem trabalho, é onde o dinheiro tá. Mas a gente nunca esquece da terrinha... Quem vem, sonha com o dia em que vai voltar. Porque aqui a luta é diária e muitas vezes solitária... Afinal, quem cuida de você quando é você que cuida de todo mundo? Aqui na Terra da Garoa não falta chuva, e o choro também é livre. Êee... é luta viu”.

MARJÔ MIZUMOTO

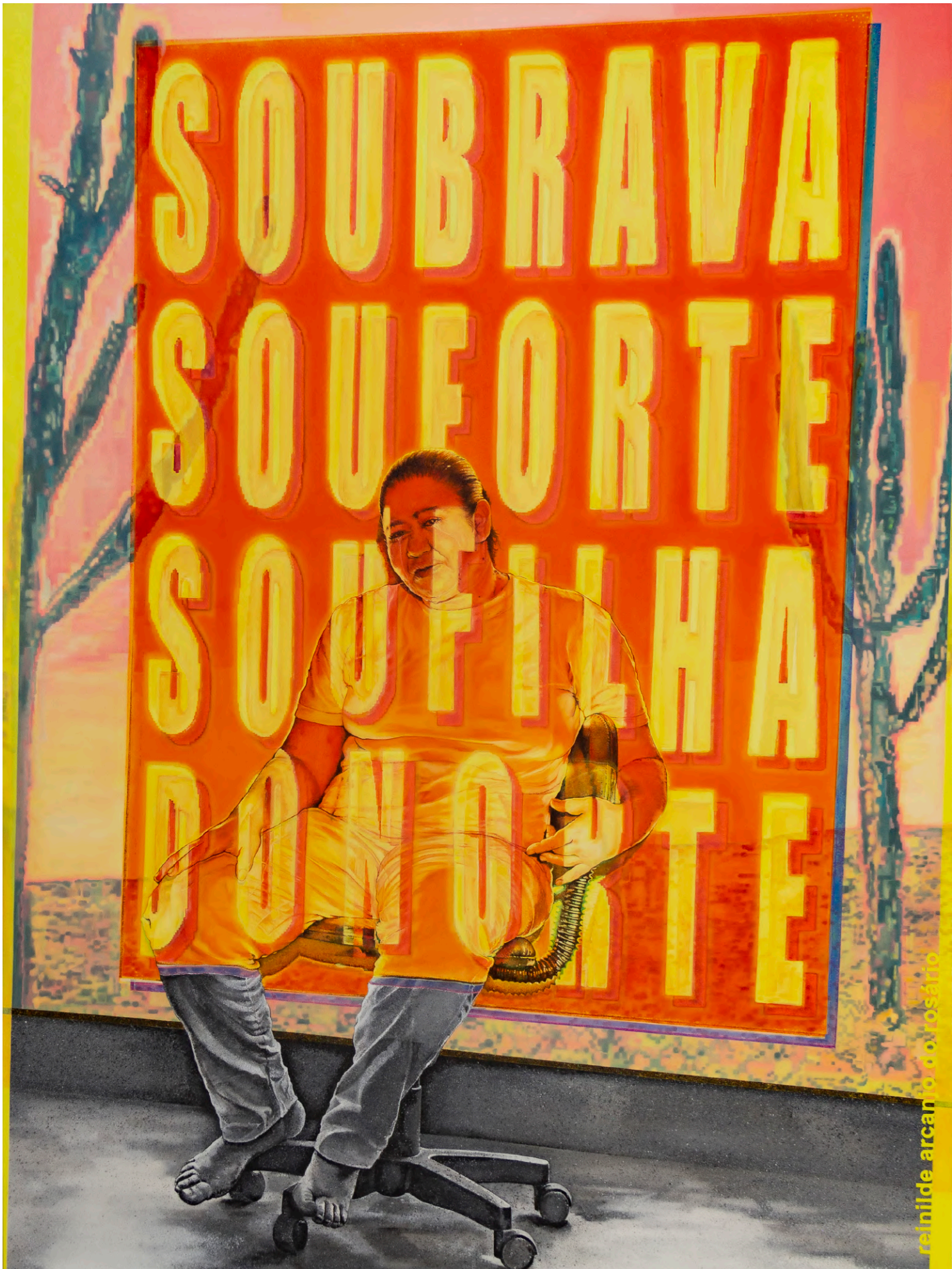
Marjô Mizumoto é de São Paulo. Formada em Artes Plásticas e pós-graduada em História da Arte pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP/SP, Brasil), tem algumas de suas obras em acervos de coleções públicas e privadas. Recebeu o prêmio aquisição no 14º Salão Nacional de Arte (Museu de Arte Contemporânea – Jataí/GO, 2015) e no 25º SAV_Salão de Artes Visuais de Vinhedo (Acervo de Artes Visuais da Secretaria de Cultura – Vinhedo/SP, 2020) e foi premiada no 11º Prêmio DASartes (Revista DASartes, Rio de Janeiro/RJ, 2021). Realiza retratos a óleo que ilustram personagens do dia a dia inseridos em ambientes quase cenográficos. Mistura gêneros tradicionais da pintura como o retrato e a natureza-morta a cenas cotidianas repletas de elementos e objetos do universo pop com influência da pintura, fotografia e cinema. Suas pinturas vêm de um universo nostálgico; são como crônicas, narrativas que registram memórias de um tempo e um lugar.



OUÇA A ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Ouça histórias;*
- _Reconheça sua força;*
- _Registre tudo que puder durante um dia;*
- _Escolha uma imagem. Descreva cada elemento que percebe nela. Em seguida, escreva cada pensamento que te desperta;*
- _Fotografe-se enquanto pensa em um lugar que sente saudades.*



“A pisa na Amazônia” é um trabalho que trata das gambiarras que fazem parte da cultura amazônica: são soluções improvisadas para promover a sobrevivência perante o clima quente da região. Nesse contexto, apresento uma crônica de quando meu ventilador quebrou e meu primo e eu o consertamos utilizando alguns objetos. “Vir a ser” trata da chegada dos portugueses, um doloroso processo de nova formação da sociedade foi estabelecido no Brasil. Dessa forma, o multiculturalismo presente no país tem raízes no sofrimento de nossos antepassados. É nesse contexto que a série “Vir a ser” apresenta recortes da formação social brasileira no que envolve miscigenação, identidades e fragmentação: “Utilizo como suporte o papel kraft, também chamado de papel pardo, para suscitar tais questões que envolvem a complexidade do termo pardo, bem como o uso do autorretrato por me ver desde a infância nesses conflitos identitários. Já ‘De uma Belém a outra’ fala sobre a experiência de quando saí de Belém do Pará, no Brasil, para ir a Belém de Lisboa, em Portugal. Este processo foi marcado pelos atravessamentos que meu corpo sentiu e ouviu. Desse modo, abordo aspectos da relação histórica e desdobramentos atuais entre os dois países, assim como reflexões sobre monumentos públicos que homenageiam figuras colonialistas”.

MAURICIO IGOR

Maurício Igor é de Belém/PA, onde reside e trabalha. Mestrando em Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC, licenciado em Artes Visuais pela UFPA, com mobilidade acadêmica para a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, como bolsista do Programa Santander de Bolsas Ibero-Americanas.

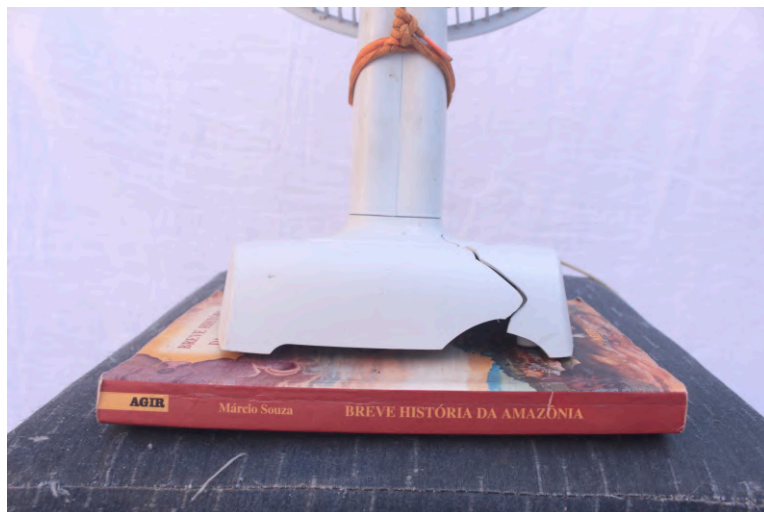
Seu trabalho é focado em reflexões sobre o corpo de uma forma contra hegemônica, atravessando questões de identidades em temas como miscigenação, gênero, sexualidade e o cotidiano amazônico. Tais processos se desdobram em fotografias, performances, vídeos, textos, intervenções e instalações. Por meio destes, participou de exposições no Brasil e no exterior.



OUÇA O ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Aprenda uma nova gambiarra;*
- _Cole cartazes pela sua cidade;*
- _Utilize uma fotografia sua para fazer um amuleto;*
- _Monte uma escultura com coisas retiradas do espaço onde você vive. Dê a ela um título.*





A pisa na Amazônia, videoarte, 4'57", 2020
De uma Belém a outra, vídeo, 4'51", 2020
Vir a ser, fotografia, 2019 [Versão impressa sobre papel pardo, 21 x 29,7 cm cada]

“PAÍS IMAGINÁRIO” é uma proposição com 10 áudios criados a partir de fotografias artísticas. O que entra em jogo é o plano imaginário do espectador que não acede às imagens bidimensionais, mas, por meio dos áudios, é convidado a compor visualmente a experiência narrada. Refletindo sobre a potência das imagens no campo da arte, parte-se da pergunta de como se apreende uma fotografia para criar um território de experimentação para o sem-fim de possibilidades sobre a escuta das imagens. Uma fotografia que é acordada por uma narrativa, que por sua vez também acorda novas imagens e outras narrativas, numa via onde a experiência primeira se perde em nome do multiplicável.

-

Milla Jung é de Curitiba/PR. Artista visual, fotógrafa e pesquisadora em artes visuais, com participações e exposições pela América Latina e Europa. Tem formação em fotografia (aperfeiçoamento na ICP/NY e na Escola para assuntos fotográficos de Praga e especialização na UCAM/RJ) e pós-graduação em artes visuais (mestrado no CEART/UDESC e doutorado na ECA/USP). Foi coordenadora do Núcleo de Estudos da Fotografia, em Curitiba, espaço de formação e reflexão sobre imagem e áreas afins. É docente em cursos formais e informais nas áreas de fotografia, artes, vídeo e cinema, parceira na Editora Miradas e divide com Felipe Prando a plataforma “Comunidade: imagem e esfera pública”, que apresenta trabalhos que refletem sobre a produção e a circulação das imagens na esfera pública.



OUÇA A ARTISTA

MILLA JUNG



ROTEIROS DE AÇÃO

- _ Conte para alguém a história de um lugar importante para você;*
- _ Ao longo de um dia, atente-se ao que fez seus olhos brilharem e imagine uma fotografia a partir disto;*
- _ Busque por elementos naturais (mar, montanha, árvore, animal etc.) na paisagem urbana;*
- _ Descreva o cenário de uma saudade;*
- _ Deite-se confortavelmente e ouça a história de um desconhecido.*



País Imaginário, proposição sonora, 10 áudios, 2012

Textos de Milla Jung, com exceção de trabalho #07 com texto de João Castelo Branco, vozes de Nicole Lima, Anuschka R. Lemos, João Castelo Branco, Tania Costa Pinto, Márcio Abreu, Edith de Camargo, Louri Santos, Milla Jung, Marcelo Oliveira, Marcelo Torrone, clarineta de Marcelo Oliveira, sapateado por Ana Morena e música *Waiting and falling* do Wandula.

“·Øí×\øÒ~nÂ”~'öy” apresenta a síntese, em imagem, de um celular com processador ruim e de uma internet com velocidade baixa. Depois de capturar a tela do celular travado, eu converto imagem em texto e edito seu código, retornando este para imagem, que agora está quebrada. Específico para o Salão de Itajaí, “poema burocrático” é um programa de computador escrito por mim que gera versos a partir da recombinação de palavras retiradas do edital do salão. Os poemas são gerados na ordem dos itens do edital, o primeiro é 1. do objeto, o segundo 2. das categorias e valores atribuídos, 3. das inscrições etc. Ao chegar no último item o programa retorna ao primeiro, trabalhando em *loop* e gerando combinações infinitas.

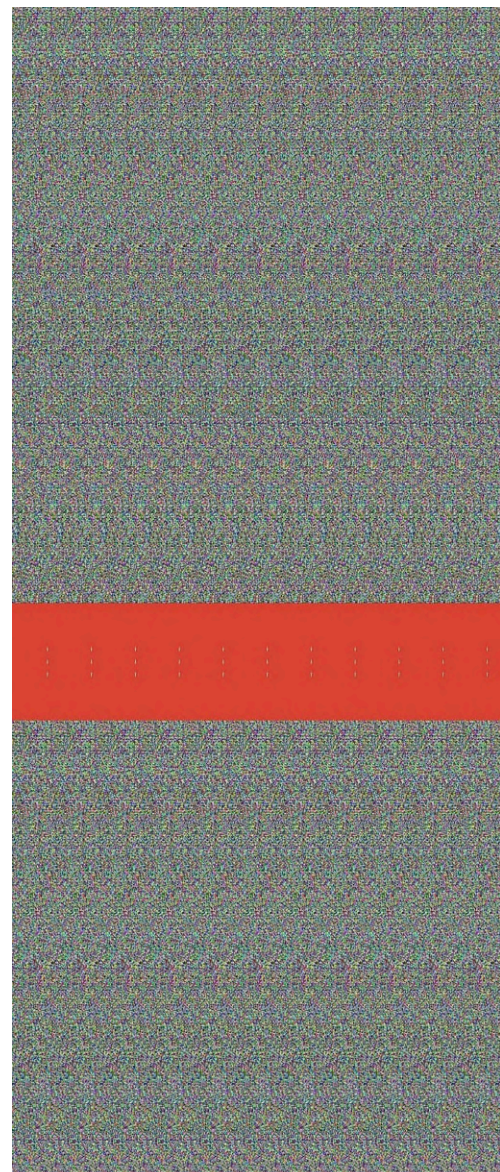
—

Osmar Domingos vive e trabalha em Itajaí/SC. Formado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina e estudante de Escultura pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Tem interesse por discursos e narrativas como matéria escultórica na medida em que observa seus espaços negativos – suas faltas, sobras, repetições e obliterações – e os modela, os funde, se apropria e reconfigura, devolvendo para o espaço, da carne ou da tela, outras abordagens dessa matéria-texto ou da imagem-falha que os espaços negativos revelam.



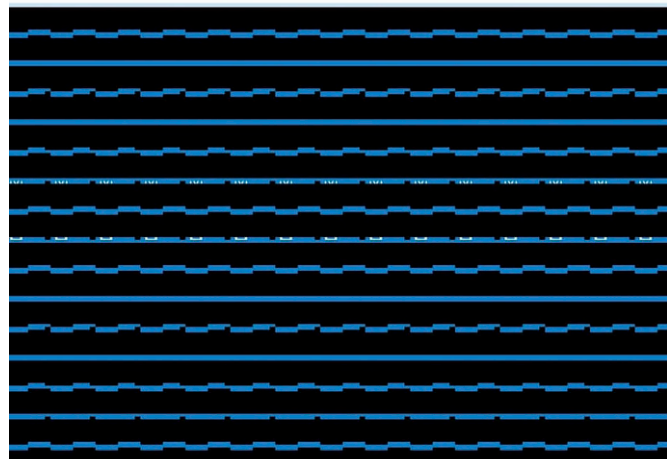
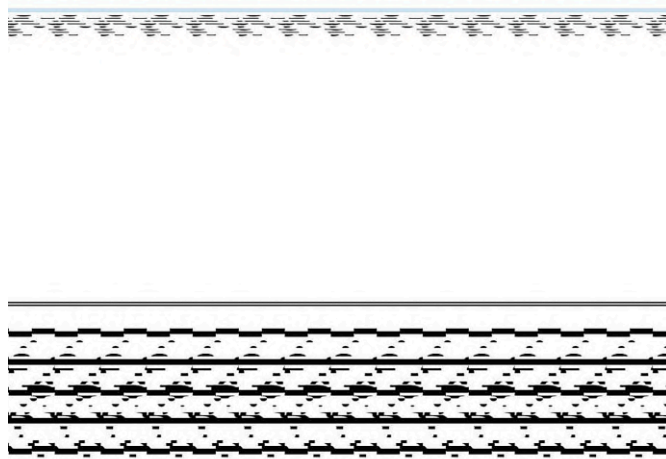
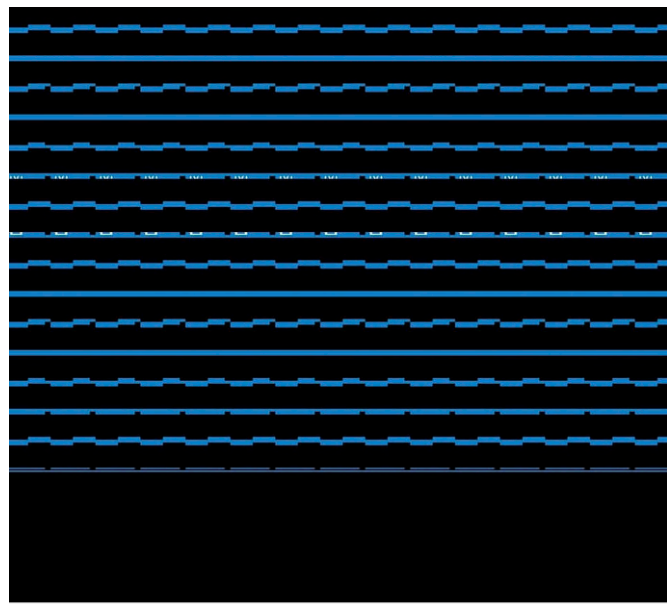
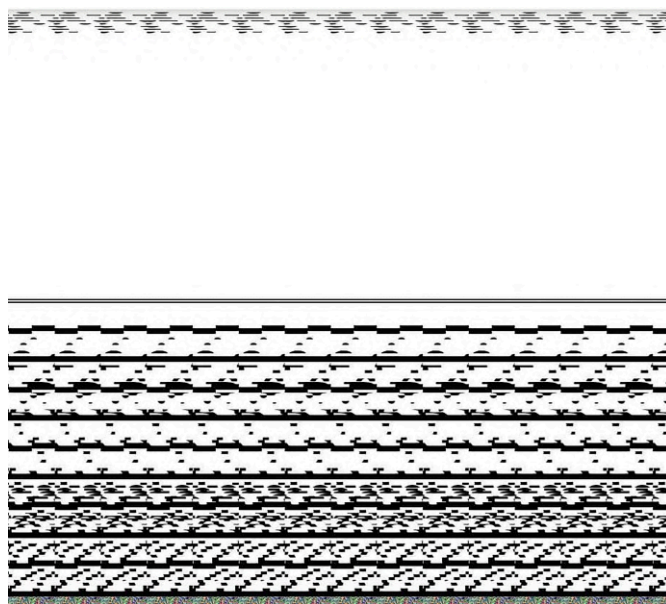
OUÇA O ARTISTA

OSMAR DOMINGOS



ROTEIROS DE AÇÃO

- _ Imagine uma fala sem códigos;
- _ Em seu computador, abra uma imagem em um bloco de notas e copie a sequência de símbolos em uma folha de papel;
- _ Com um documento burocrático em mãos, recorte palavras ou frases, misture-as em um recipiente qualquer, despeje em uma superfície e ordene-as aleatoriamente;
- _ Leia em voz alta o título da obra ·Øí×\øÒ~nÂ”~'öy



“Curva do Esquecimento” é um vídeo realizado em 2020 que traz um breve relato sobre a sensação de fechamento / enclausuramento causado pela paranoia gerada pela pandemia da Covid 19.

—

Pontogor é do Rio de Janeiro, nasceu em 1981. Vive e trabalha em São Paulo/SP. Artista integrante da Cia. Teatral UEINZZ. Sua pesquisa tem foco em meios como: vídeo, fotografia, instalação, performance e música. Interessando-se pelo ruído e o desgaste nas imagens e sons, atento ao erro e ao acaso como ferramentas. Seu processo criativo se planifica desde o pensamento hermenêutico na procura de soluções sensoriais para plasmar problemáticas filosóficas sobre espaço, tempo e sonho.

PONTOGOR



OUÇA O ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Sinta a memória dos objetos;*
- _Comece um diário com anotações de tudo o que você esqueceu;*
- _Busque palavras para nomear coisas que já possuem nome;*
- _Mova objetos de lugar;*
- _Filme seu quarto em um momento de solidão.*



BOLSA DE PRODUÇÃO

Companhia Descolonizadora

Desali

Eranos

Apoiado na constatação de Daniel Munduruku – um passo atrás para pegar impulso – as ações e os processos da Descolonizadora estão alinhadas com pressupostos vinculados ao âmbito da des-meta e outras variantes de viés adjacentes. Assumimos, estrategicamente, no lugar do work in progress largamente difundido e utilizado no âmbito da arte, práticas e visões de mundo vinculadas ao que chamamos trabalho em regresso. No lugar do desenvolvimento acentuamos o envolvimento, os contextos e os corpos. Como Edgardo Antonio Vigo, somos partidários das realidades ajudadas. Em termos práticos não há um antes e um depois. A meta é dobrar a meta até que não haja meta. Todas as etapas de produção são também etapas de exibição/apresentação. Nesse sentido, não estamos mostrando o processo. Estamos mostrando o trabalho mesmo. As ações da Companhia Descolonizadora começam com a apresentação/conversa com os fornecedores, colaboradores e demais envolvidos na produção de suas atividades. Ali onde é produzido o trabalho ele é também exibido. O carro com o adesivo de identificação da Companhia Descolonizadora já desperta atenção, tanto dos fornecedores quanto de pessoas curiosas e/ou intrigadas. O mesmo acontece com as peças encomendadas e/ou produzidas pela Descolonizadora, como é o caso do macacão, placa de sinalização, suportes etc. Um caso emblemático dessa situação “trabalho em regresso” se deu na oficina de produção da placa de sinalização. Lá ficou exposta, no quadro de encomendas e entregas da empresa, a palavra Abya Yala. Enquanto a placa era produzida, muitos vieram perguntar e conversar sobre o significado de Abya Yala (terra em [re]florescimento) e sobre questões relacionadas aos povos indígenas. Depois de um mês de pesquisa/produção/apresentação a placa está pronta para ocupar as ruas, praças, beiras de estradas, beiras de rios, paisagens e arquiteturas de Santa Catarina.

—

Silfarlem Oliveira é de Coronel Fabriciano/MG e atualmente vive/trabalha entre Ourinhos/SP e Florianópolis/SC. Artista-pesquisador e caixeiro-viajante/montador pela Companhia Descolonizadora, desenvolve projetos, pesquisas e proposições (artísticas/culturais/cotidianas) a partir de estratégias de empréstimo, intervenção e (re) contextualização. Doutor em Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC, integra, como pesquisador, o Grupo Proposições Artísticas Contemporâneas e seus Processos Experimentais. De 2004 a 2009, como membro do Coletivo Maruípe (caminho de mosquito em tupi), realizou, entre outras exposições, a Intervenção no Edifício das Fundações (Galeria Homero Massena), o evento/ocupação Paralela ao Mar e a intervenção urbana O retorno de Araribóia (Prêmio Bienal do Mar). Nos últimos anos tem desenvolvido proposições/ações, entre elas a intervenção/minimonumento Água De Colonial Caldas dos Bororenos contemplada pelo Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/Artes (2020).

COMPANHIA DESCOLONIZADORA



ROTEIROS DE AÇÃO

- _Faça uma lista de placas perversas;*
- _Colecione nomes indígenas que batizam cidades brasileiras;*
- _Repense seu discurso quantas vezes for necessário;*
- _Planeje intervenções no seu bairro;*
- _Pergunte às pessoas sobre o real significado dos monumentos da sua cidade.*



OUÇA O ARTISTA



Aproximando a periferia da arte contemporânea, a ação direta “diários de bordo” é um projeto que articula intervenção urbana e discussão política, colocando em diálogo o Brasil atual com o Brasil de 1964. A ação será realizada pela A.P.N (Aliança Periférica Nacional) – cujo nome faz alusão a A.L.N (Ação Libertadora Nacional) de Marighella, os escritos desse diário revelam a trajetória de um jovem guerrilheiro em tempos de crise sanitária. A ação é um conclave à ação coletiva. O projeto “Diários de bordo” faz parte do conjunto de ações desenvolvidas pela APN inspiradas na história do Capitão do Exército e Guerrilheiro Carlos Lamarca e sua famosa ação “Grupos rurais de guerrilha”. Tais grupos consistiam em verdadeiras escolas de ação direta, comandadas por Lamarca, na qual eram ensinados os princípios básicos da luta armada. As ações da APN contemplam a criação de uma espécie de “escola urbana de arte guerrilha” no formato de “galeria aberta”, na qual seriam aprendidos e praticados também princípios da ação direta, só que na forma de arte e intervenção urbana. A aprendizagem dos grupos é apresentada no formato de diário de bordo, fotografias, pinturas e vídeo experimental.

—

Desali é de Contagem/MG. Formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard/UEMG. Participou de residências, exposições, coletivos no Brasil e no exterior, entre elas as exposições: “Enciclopédia Negra” (Pinacoteca de São Paulo); a exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”, (Instituto Moreira Salles); “Sertão” (36º Panorama da arte Brasileira MAM/SP), a Bolsa Pampulha e o 32ª edição do Salão Arte Pará. Possui obras adquiridas pelo Centro Cultural São Paulo (CCSP), no acervo “Arte da Cidade”, no acervo da Museu de Arte da Pampulha (MAP) e no acervo da Pinacoteca de São Paulo. Criador do Coletivo Piolho Nababo, há dez anos em Belo Horizonte/MG, viaja por múltiplas linguagens, incluindo grafite, fotografia, vídeo e intervenção urbana, promovendo o contato entre a margem e o centro, questionando as instituições artísticas tradicionais e seu colonialismo, contaminando esses espaços com as ruas.

ALIANÇA PERIFÉRICA NACIONAL



ROTEIROS DE AÇÃO

- _Organize um grupo de jovens do seu bairro para uma ação ambiental;*
- _Crie uma plataforma colaborativa com notícias do seu bairro;*
- _Faça um anúncio oferecendo a troca de objetos ou experiências;*
- _Convide um grupo de amigos para fazer sabão e distribuir aos vizinhos;*
- _Converse com seus amigos sobre o significado de poder popular.*



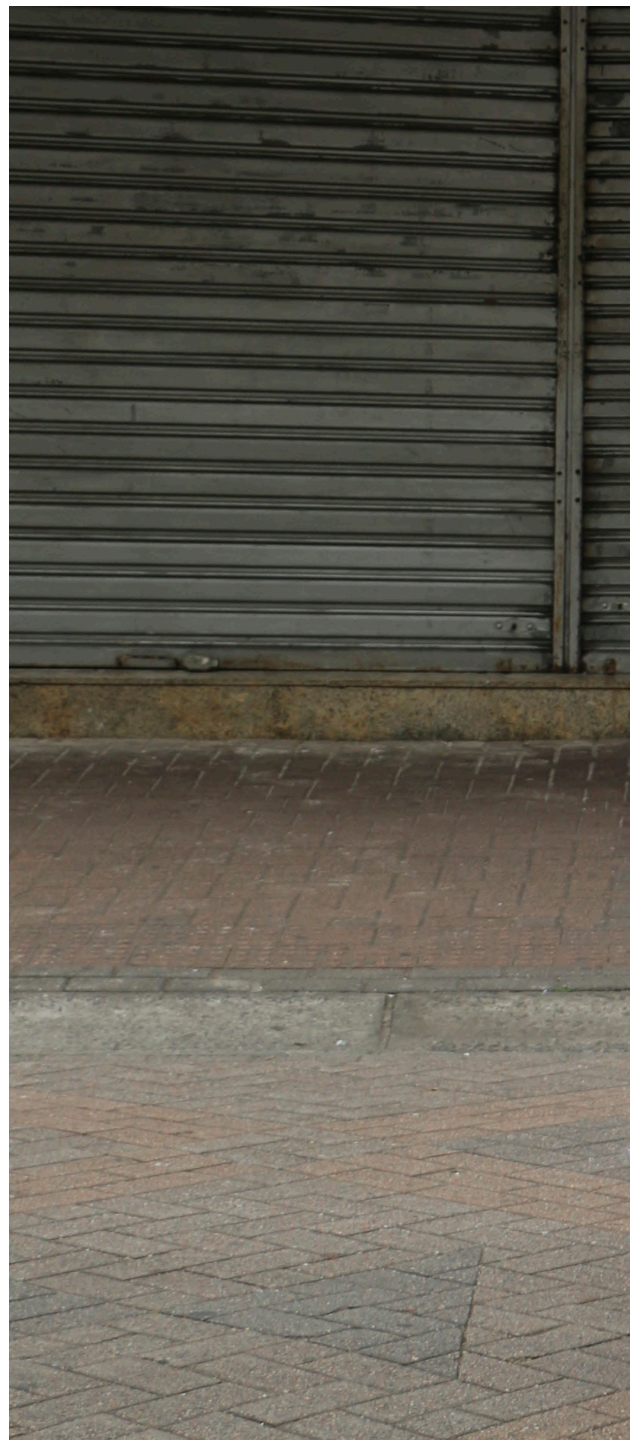
OUÇA O ARTISTA



O “Vazio que carrego na cidade” é uma pesquisa para performance urbana do Eranos Círculo de Arte, conduzida por Leandro Maman e Sandra Coelho, e se encontra em processo. A proposta deriva da performance “O Vazio que Carrego” realizada em 2021, no bairro Brilhante, interior de Itajaí – seu registro fotográfico deu origem à exposição homônima que pode ser acessada aqui. Neste trabalho são exploradas as tensões de um grande volume e pouco peso relativo e sua relação com o esforço humano. A distopia de um ser humano carregando com suas próprias forças algo maior que seu tamanho. Do peso encontrado nas coisas vazias, que quando amalgamadas em grande quantidade geram a dificuldade de deslocamento. O ar que ocupa o espaço. A relações entre visível e invisível. “O vazio que carrego na cidade” é um desdobramento do trabalho do Eranos Círculo de Arte em intervenções performáticas no ambiente público, através da realização de trajetórias/deslocamentos carregando objetos dissonantes. Em 2015 foi realizada pela primeira vez a performance “Reflexo”, em que Leandro Maman se deslocava carregando um grande espelho de 0,90 x 1,80 m nas praias e ambiente urbano de Navegantes e Itajaí. O registro fotográfico da performance por Sandra Coelho deu origem às exposições “Reflexo Navegante” (no CIC – Navegantes), “Reflexo Itajaí” (na Galeria Dinyz Domingos), “Reflexo” (exposição virtual #SculturaemSuaCasa) e “Reflexo” (Ceart Aberto 2021). Para o 15º SNAI, o Eranos Círculo de Arte se debruçou sobre desdobramentos da performance de 2021, na produção de uma versão inédita para ser realizada em ambiente urbano, trazendo o vazio deslocado no interior para então habitar o centro urbano de Itajaí. Na versão realizada no interior, o material escolhido para carregar o vazio foram garrafas de água de 10 L vazias. Sua escolha se deu pelo contraste entre o elemento plástico e as paisagens naturais do interior, sua textura e transparência na relação com a repetição das formas.

Eranos – Círculo de Arte é um coletivo de artistas de Itajaí com formação interdisciplinar que produz e pesquisa arte e suas interfaces entre teatro, teatro de animação, artes visuais, literatura e audiovisual. Realiza performances com foco na ocupação urbana em Itajaí desde 2009. Foi produtor do evento “Provocações Urbanas” e editor da revista homônima. Sua produção caracteriza-se pelo aspecto híbrido de linguagem, arte relacional e uso de tecnologia digital em arte presencial. Tem como integrantes Sandra Coelho, Leandro Maman e João Freitas.

O VAZIO QUE CARREGO NA CIDADE



ROTEIROS DE AÇÃO

_Caminhe enquanto carrega todas as suas coisas;

_Faça uma lista de vazios;

_Realize uma rota escolhendo pontos de parada. A cada parada, reflita por onde andou até alcançá-la;

_Pegue uma sacola plástica e um fio de, no mínimo, um metro e meio. Junte as alças da sacola amarrando-as com o fio. Solte a sacola no vento e corra.



OUÇA O ARTISTA



Andrea May

Jorge Bucksdricker

Lilian Barbon

Marcelo Brito

Ursula Jahn

PROPOSIÇÃO FORMATIVA

As **PROPOSIÇÕES FORMATIVAS**

articularam atividades para todas as faixas etárias e buscaram ativar dispositivos de participação e processos colaborativos na relação artista - Salão - público.

Nesta perspectiva, essas proposições se apresentaram como um processo conjunto entre o espaço virtual do Salão e o espaço expandido do público.

Atualmente, a programação vem sendo bastante utilizada nos processos de criação artística digital, destacando-se pelas infinitas possibilidades que essa tecnologia oferece. A partir do Processing, uso da programação voltada para a criação em Artes Visuais, a linguagem JavaScript tornou-se uma das mais populares da web. Todos os sites modernos e a maioria das aplicações utilizam esses recursos, seja em uma galeria de imagem, interação, animações etc. O resultado foi a proliferação de estruturas e bibliotecas dentre as quais destaca-se a p5.js (open source/código aberto) que foi a nossa base de experimentações no entrelaçamento das artes visuais com a programação. Esta foi uma oficina introdutória às técnicas da computação/ linguagens de programação aplicadas à expressão artística digital e experimentações em JavaScript para criação de imagens artísticas em movimento e com interatividade.

—

Andrea May é artista visual e sonora, curadora independente e doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora substituta de Arte-mídia no curso de Artes Visuais do Centro de Artes, Humanidades e Letras/ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

ARTE, ANIMAÇÃO E INTERATIVIDADE: INTRODUÇÃO AO CÓDIGO CRIATIVO



ROTEIROS DE AÇÃO

- _Desenhe a ferramenta mais tecnológica que você usa para desenhar;*
- _Grave sons do corpo e reúna em uma faixa sonora;*
- _Anote os ruídos que você provoca no ambiente ao longo de um dia;*
- _Ouça com atenção;*
- _Grave sua voz falando o seu nome e ouça de trás para frente.*

É possível fruir de uma obra de arte à distância? É possível criar uma obra que não tenha autor (ou que tenha inúmeros)? E fazer arte sem que se produza uma obra?

A partir de exemplos da arte contemporânea – sobretudo da arte postal – e de exercícios práticos, a oficina propôs uma reflexão acerca das formas de se fazer arte e das alternativas que os artistas encontraram em situações de censura, de escassez de recursos ou simplesmente porque buscavam atingir públicos que não circulavam em museus e galerias. A ideia foi pensar essas experiências à luz das atuais aulas on-line, lives e visitas virtuais a museus. Como foram essas experiências? O que poderia ser feito de diferente?

Jorge Bucksdricker é de Porto Alegre/RS. Escritor, artista, pesquisador e curador independente, graduado em filosofia pela UFRGS, mestre em epistemologia pela UFSC e doutor em artes visuais pela UDESC. Publicou os livros “Solstícios” (IEL/RS, 2006), “Pinus” (Edições nesse sentido, 2011) e “Arquivo Abreviado: Registros e Propostas” (Edição do autor, 2021). Entre outras exposições, participou das mostras “Tratar de Conciliar os Olhos” (2013), “Poesia Visual Contemporânea” (2009), “Ejercicios de Posibilidad” (2012) e “O Mundo como Armazém” (2017). Entre os anos de 2008 e 2011 foi membro da equipe de formação de professores da Fundação Bial do Mercosul. Em 2012 juntamente com Leo Felipe, concebeu e curou a exposição “Um Firme e Vibrante NÃO” e recebeu o Prêmio de melhor exposição coletiva no Troféu Açorianos (2015). Concebeu o projeto do “arquivo abreviado”, uma plataforma que reúne e dá visibilidade a uma ampla gama de trabalhos produzidos a partir da década de 1960.

RESPONDA QUANDO PÙDER: POÉTICAS DA AUSÊNCIA



OUÇA O ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Fique ausente por um dia;*
- _Abra sua caixa de arquivos (documentos, fotografias, moedas, bilhetes etc.), espalhe sobre uma mesa e organize por grupos de cor;*
- _Organize uma exposição com os itens da sua caixa de acúmulos;*
- _Crie uma pasta em seu celular para os seus arquivos mais importantes;*
- _Faça uma revista de arte com seus amigos.*

Um encontro reflexivo com foco na fotografia como expressão artística onde serão levantadas questões relacionadas ao corpo, identidade e autorrepresentação, partindo do trabalho autoral e de pesquisas realizadas pela artista visual Lilian Barbon. Foram apresentados diversos artistas e estratégias que problematizam tais questões em meio a fotografia contemporânea. Um mergulho prático e reflexivo sobre a imagem fotográfica, suas possibilidades de construções e híbridos, com o objetivo de estimular as pessoas ao desenvolvimento de ensaios e projetos autorais.

Lilian Barbon é fotógrafa, artista visual e arte-educadora. Mestre e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina e Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina. É professora/colaboradora na Escola de Fotografia Câmera Criativa, em Florianópolis/SC, e facilitadora de diversos cursos e workshops de fotografia artística. Desde 2002 realiza pesquisas na área da fotografia artística, participando de exposições e festivais de fotografia dentro e fora do país. Entre suas exposições individuais, destacam-se: “Memórias Subterrâneas”, “Memórias”, “Paisagens Transversas”, “Women's”, “Autorretrato” e “Cronofotografias do Self”. Dedicou-se à pesquisa e produção na área das artes visuais com foco na fotografia expandida, híbrida e alternativa, com temáticas relacionadas ao corpo, identidade e autorrepresentação. Busca a ressignificação da imagem fotográfica através do cruzamento de outras linguagens e técnicas artísticas, criando novas construções e híbridos.



OUÇA O ARTISTA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Olhe-se no espelho durante cinco minutos;*
- _Junte diversas selfies suas em uma mesma imagem;*
- _Filme-se enquanto respira pausadamente;*
- _Crie desenhos em seu corpo unindo sinais, rugas, manchas e cicatrizes;*
- _Fotografe sua nuca;*
- _Filme seus olhos por 5 minutos;*
- _Sobreponha várias fotografias dos seus pés em posições distintas.*

FOTOGRAFIA HÍBRIDA: CORPO E AUTORREPRESENTAÇÃO

Como criar um personagem? Quais as etapas para a criação de um jogo digital? Nesta proposta foi discutido o papel do artista na produção de jogos, cinema e animação. Por meio da análise de obras e produtos do universo dos games foi possível relacionar e entender como as artes tradicionais, como o desenho, a pintura e a escultura, por exemplo, são essenciais para dar vida aos personagens e histórias presentes nos jogos e animações.

—
Marcelo de Brito é artista plástico e professor de arte. Desenvolve ilustrações para o mercado publicitário e editorial. Atualmente dedica-se ao ensino de desenho e pintura para crianças, jovens e adultos.



ARTISTAS TAMBÉM GOSTAM DE JOGOS

Apresentar a união da fotografia com outras linguagens artísticas: a interação com diferentes processos, dando ênfase à experimentação na cópia física de uma fotografia. Ao longo dos encontros foram apresentadas técnicas como a pintura de fotografias em preto e branco com aquarelas, canetinhas, lápis de cor e outros tipos de tintas, adição de bordado como complemento de fotografias, transferência de uma fotografia para outros suportes, como a madeira e o tecido, colagem e muitos outros meios de intervir na imagem fotográfica.

—
Ursula Jahn é de São Sebastião do Cai/RS, e reside em Montenegro/RS onde atua como artista e oficina, ministrando oficinas na área de fotografia. Fotógrafa e artista visual graduada em Fotografia pela UNISINOS, pesquisa de forma autônoma sobre mulheres e a autoimagem na fotografia. Participou de diversos festivais de fotografia dentro do país, como o 15º Salão Nacional de Fotografia Pérsio Galembeck (2018), onde recebeu a menção honrosa, o Valongo Festival Internacional da Imagem (2018), o FestFotoPOA (2019), 7º Salão Fundarte de Arte 10x10 (2019) Maré Foto Festival (2021) entre outros. Sua produção artística se desenvolve principalmente por meio de fotografias e vídeos que são marcados por um viés autobiográfico.



TÉCNICAS MANUAIS DE INTERVENÇÃO NA FOTOGRAFIA

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Crie um personagem de si mesmo;*
- _Desenhe seu herói favorito trocando a cor da pele, dos olhos, do cabelo e da roupa;*
- _Imagine um desenho seu se mexendo;*
- _Invente uma história para outra pessoa desenhar;*
- _Conte uma história em quadrinhos para alguém, sem que a pessoa veja as imagens.*

ROTEIROS DE AÇÃO

- _Fotografe-se todos os dias ao longo de um mês;*
- _Pesquise na internet imagens de mãos digitando e desenhe;*
- _Rasgue uma fotografia;*
- _Faça uma lista das suas fotógrafas favoritas;*
- _Desenhe sobre uma imagem.*

Ana Maria Maia

Beatriz Lemos

Pollyana Quintella

**PROGRAMA
ENCONTRA**

O PROGRAMA ENCONTRA

promoveu um espaço de conversa entre jovens curadoras brasileiras, com transmissão ao vivo na data do evento e gravação disponível para o público no QRCode abaixo.

Para participar desta ação, a equipe curatorial do Salão convidou Ana Maria Maia, Beatriz Lemos e Pollyana Quintella.

PROGRAMA ENCONTRA 1

Inaugurando a proposta do programa, Ana Maria Maia apresentou contexto de possibilidades para definir curadoria ou curadorias. Nesse caráter plural da curadoria foram apresentados dois projetos autônomos e dois projetos institucionais como exemplos para enfatizar o fazer curadoria, para além de questões teóricas da curadoria, como uma prática ou ferramenta que ajuda a pensar narrativas para a arte, são elas: a pesquisa e a exposição Arte Veículo, 2018/2019; a exposição A marquise, o MAM e nós no meio, de 2018; a exposição Enciclopédia Negra, de 2021, e Rosângela Rennó: Pequena ecologia da imagem, de 2021/2022.

—

Ana Maria Maia é pesquisadora, professora e curadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Tem doutorado em Artes Visuais pela Escola de Artes e Comunicação da USP (2014–2018). Com a Bolsa Funarte de Crítica de Arte, escreveu o livro *Arte-veículo: intervenções na mídia de massa brasileira* (Editora Aplicação, 2016). Fez parte do Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Instituto Tomie Ohtake (2011–2013), foi curadora do Rumos Artes Visuais, do Itaú Cultural (2011–2012) e assistente de curadoria da 29ª Bienal de São Paulo (2009 – 2010). Colaborou com o Programa Experiência 2012, do setor educativo do Itaú Cultural. Em 2006, criou o Portal Dois Pontos – Arte Contemporânea em Pernambuco. Realizou individual de Paulo Bruscky (Vervendo, 2008) e a coletiva Linha Orgânica (2009), ambas na Galeria Amparo 60 (Recife/PE), e individual de Amanda Melo (Esplendor, 2011), na Galeria Moura Marsiaj (São Paulo/ SP). Em 2009, colaborou com a equipe editorial do Canal Contemporâneo. Em 2012, co-coordenou a publicação Sobre artistas como intelectuais públicos, editada pela Casa Tomada e pela Prólogo Editora. No mesmo ano, curou as mostras Volta ao dia em 80 mundos, itinerância do Rumos, em Goiânia, e “O efeito da frase”, premiada pelo Projeto Amplificadores do Museu Murillo La Greca (Recife-PE).



ASSISTA À CONVERSA

ANA MARIA MAIA

PROGRAMA ENCONTRA 2

No segundo encontra o público pode conhecer a plataforma Lastro que há 15 anos vem desenvolvendo programas de residências, exposições, publicações e ciclos de estudos em diversos países, contando com colaborações coletivas e autônomas. A Lastro se configura como rede de arte, cultura e educação, onde questionamentos artísticos, críticos e políticos a partir das experiências do migrar e trasladar fundaram conceitualmente suas práticas de pesquisa, educação e curadoria. Além da Lastro, também foi apresentada a exposição Composições para tempos insurgentes com co-curadoria de Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente com obras criadas por artistas de diversas gerações e contextos que versam sobre as relações entre natureza e comunidades, e a proposta curatorial da 3ª Frestas – Trienal de Artes de Sorocaba/SP. Com o título “O rio é uma serpente”, este título-estopim que abarca uma cosmovisão das estratégias elaboradas para recriar caminhos curatoriais cujo ponto de partida foi a soma dos encontros em diálogo com artistas, ativistas e pessoas que produzem pensamento e conhecimento.

—

Beatriz Lemos é pesquisadora e curadora autônoma, com mestrado em História Social da Cultura pela PUC/RJ. É idealizadora e diretora da plataforma Lastro – Intercâmbios Livres em Arte. A partir de perspectivas contra-hegemônicas, atua na condução e articulação de processos em rede e transdisciplinares de criação e aprendizagem. Atualmente é curadora adjunta do MAM Rio e integra a equipe curatorial da 3ª Frestas – Trienal de Artes (Sorocaba, SP).



ASSISTA À CONVERSA

BEATRIZ LEMOS

PROGRAMA ENCONTRA 3

Na terceira edição do programa foram apresentados três projetos curatoriais: a exposição portátil “Nanica” com quinze trabalhos de artistas e escritores em escalas em torno de 10 x 10 x 10 cm; a exposição Mulheres na coleção MAR, com um recorte de obras de artistas históricas e contemporâneas, brasileiras e estrangeiras, que hoje integram o acervo do museu com cerca de 400 obras, em que a curadoria da mostra se constituiu a partir de laboratórios com as funcionárias e colaboradoras do museu, para mapear desejos e conceitos; e a exposição FARSA. Língua, fratura, ficção: Brasil-Portugal, que ocorreu no SESC Pompeia com a participação de artistas que atuam no espaço de expressão do português, sobretudo em Portugal e no Brasil.

—

Pollyana Quintella é curadora, pesquisadora e crítica cultural, interessada nos trânsitos entre artes visuais e literatura. Formada em História da Arte pela UFRJ, é mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ, com pesquisa sobre o crítico Mário Pedrosa, e doutoranda pela mesma instituição. Colabora com pesquisa para o Museu de Arte do Rio (MAR) desde 2018 e escreve para diversos jornais e revistas de cultura. Foi curadora adjunta da exposição FARSA. Língua, fratura, ficção: Brasil-Portugal, em cartaz no Sesc Pompeia de outubro de 2020 a fevereiro de 2021. É também professora de História da Arte no Brasil e Teoria da Imagem.



ASSISTA À CONVERSA

POLLYANA QUINTELLA

**SUPERINTENDÊNCIA ADMINISTRATIVA
DAS FUNDAÇÕES
FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ**

Normélio Pedro Weber

Superintendente Administrativo das Fundações de Itajaí

Schibian Philemonn Oliveira Costa

Diretora Executiva da Fundação Cultural de Itajaí

Sara Jane Ternes

Diretora Administrativa e Financeira da Superintendência
Administrativa das Fundações

Vanderlei Lazzarotti

Diretor da Casa da Cultura Dide Brandão

Natália Uriarte Vieira

Diretora de Projetos da Superintendência Administrativa das Fundações

Cesar Rodrigo Zeferino

Assessor Jurídico da Superintendência Administrativa das Fundações

Danielle Cristina Dias

Assessora Administrativa da Superintendência Administrativa das Fundações

Gracimere Rocha Müller

Assessora Administrativa da Superintendência Administrativa das Fundações

Daniele Assis Silvestro

Assessora Administrativa da Fundação Cultural de Itajaí

Alisson Baems

Comunicação da Fundação Cultural de Itajaí

EQUIPE CURATORIAL

Kamilla Nunes

Curadora Geral

Gabi Bresola

Curadora Adjunta

Sofia Brito

Curadora Pedagógica

PRODUÇÃO

Sarah Uriarte

Produtora Geral

Nestor Varela

Produtor Assistente

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Bill

Designer Gráfica e Mídia Social

Natali Gonzales

Web Designer e Desenvolvedora Web

EDUCATIVO

Babel, Bicha Rata,

Manolo Carlos e Romy.

Mediadores

CATÁLOGO 15º SALÃO NACIONAL DE ITAJAÍ

CAIS Editora e Editora Editora

Edição e Projeto Gráfico

Gabi Bresola e Kamilla Nunes

Coordenação Editorial

Aline Natureza

Revisão

ISBN

978-65-84848-00-9

Impresso na Gráfica Impressul, em maio de 2022.



MUNICÍPIO DE
ITAJAÍ
UMA CIDADE EM MOVIMENTO

